

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA



MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

Comércio e Investimentos diretos: China e EUA; 1991 – 2016

Aluno: Gabriel Schirmer Neves

Matrícula: 1311283

Professor orientador: Marcelo de Paiva Abreu

11/2017

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO DE JANEIRO
DEPARTAMENTO DE ECONOMIA



MONOGRAFIA DE FINAL DE CURSO

Comércio e Investimentos diretos: China e EUA; 1991 – 2016

Aluno: Gabriel Schirmer Neves

Matrícula: 1311283

Professor orientador: Marcelo de Paiva Abreu

Declaro que o presente trabalho é de minha autoria e que não recorri para realizá-lo, a nenhuma forma de ajuda externa, exceto quando autorizado pelo professor tutor.

As opiniões expressas neste trabalho são de responsabilidade única e exclusiva do autor.

Sumário

Lista de gráficos.....	4
Premissas.....	6
Introdução.....	7
Capítulo 1 – EUA e o Mundo.....	8
Capítulo 2 – EUA e China: Comércio.....	16
Capítulo 3 – O investimento direto americano e a China.....	39
Capítulo 4 – O investimento direto e seus efeitos sobre exportações.....	51
Capítulo 5 – O investimento direto chinês.....	57
Conclusão.....	61
Bibliografia.....	62

Lista de gráficos

1.1 - China: Exportações e Importações (US\$1000) -----	9
1.2 - China: Importações Totais por País-----	11
1.3 - China: Exportações Totais por País-----	12
1.4 - China: Investimento Direto-----	14
2.1 - China: Balança Comercial (US\$1000)-----	16
2.2 - Importações chinesas provenientes dos E.U.A.-----	18
2.3 - Renda Per capita Chinesa (US\$)-----	19
2.4 - Importações de Bens de Consumo provenientes dos E.U.A.-----	20
2.5 - Importações de Bens Intermediários provenientes dos E.U.A.-----	21
2.6 - Importações de Matérias Primas provenientes dos E.U.A.-----	23
2.7 - Importações de Bens de Capital provenientes dos E.U.A.-----	24
2.8 - Importações Chinesas provenientes dos E.U.A. (US\$1000)-----	25
2.9 - Exportações Chinesas por Parceiro-----	26
2.10 - Exportações de Produtos para os E.U.A.-----	27
2.11 - Exportações chinesas de Bens Intermediários para os E.U.A.-----	29
2.12 - Exportações chinesas de Matérias Primas para os E.U.A.-----	30
2.13 - Exportações chinesas de Bens de Consumo para os E.U.A.-----	32
2.14 - Exportações chinesas de Bens de Capital para os E.U.A.-----	34
2.15 - Exportações Chinesas por Produto – E.U.A. x Mundo-----	35
2.16 - Vantagem Comparativa Revelada China - Bens de Consumo-----	37
2.17 - Vantagem Comparativa Revelada China - Bens de Capital-----	38
3.1 - Investimento Direto na China - Década de 1990 (US\$ 1.000.000) -----	40
3.2 - Investimento Direto na China - Décadas de 2000 e 2010 (US\$ 1.000.000) -----	41
3.3 - Investimento Direto Americano na China - Serviços - década de 1990 (US\$ 1.000.000) -----	42

3.4 - Investimento Direto Americano na China - Serviços - décadas de 2000 e 2010 (US\$ 1.000.000) -	44
3.5 - Investimento Direto Americano na China - Produção - década 1990 (US\$ 1.000.000) -----	46
3.6 - Investimento Direto Americano na China - Produção - décadas de 2000 e 2010 (US\$ 1.000.000)	49
4.1 - Investimento Direto Americano na China e Exportações chinesas para os E.U.A. – Máquinas-----	54
4.2 - Investimento Direto Americano na China e Exportações chinesas para os E.U.A. – Automotivo---	55
5.1 - Investimento Direto Chinês nos E.U.A. (US\$ 1.000.000) -----	57
5.2 - Investimento Direto Chinês nos E.U.A. - Discriminado (US\$ 1.000.000) -----	58
5.3 - Investimento Direto Chinês nos E.U.A. e Exportações chinesas para os E.U.A.- Bens de Consumo	59
5.4 - Investimento Direto Chinês nos E.U.A. e Exportações chinesas para os E.U.A. - Eletrônicos e Equipamentos Elétricos -----	60

Premissas:

A análise feita ao longo desta monografia será feita com dados percentuais relativos ao valor dos bens e dados absolutos de valor, sendo o valor dos bens o valor final pós taxas (valores de exportações serão os valores ao sair do país e valores de importação valores ao sair da alfândega). Os valores do comércio entre China e Hong Kong e China e Macau serão desconsiderados para quaisquer análises, dado que Hong Kong e Macau serão considerados parte da China.

Dados demonstrados em US\$ (dólares americanos) utilizarão a cotação do último ano disponível, 2016.

Dados relativos a comércio foram coletados da base de dados WITS pertencente ao Banco Mundial.

Dados relativos aos investimentos diretos foram coletados da base de dados US-China FDI Project pertencente ao Rhodium Group junto do National Committee on U.S.-China Relations com apoio da AmCham Shanghai e CGCC USA e da base de dados pertencente a UNCTAD.

A classificação detalhada dos tipos de bens será feita com base no Harmonized System Codes (HS 1988-1992) da seguinte forma:

Animais – HS 01-05	Madeiras – HS 44-49
Vegetais – HS 06-15	Têxteis – HS 50-63
Alimentos – HS 16-24	Calçados – HS 64-67
Minerais – HS 25-26	Pedras e Vidros – HS 68-71
Combustíveis – HS 27	Metais – HS 72-83
Químicos – HS 28-38	Máquinas e Equipamentos – HS 84-85
Plásticos e Borrachas – HS 39-40	Transporte – HS 86-89
Peles e Couros – HS 41-43	Miscelânea – HS 90-99

Introdução -

A China passou por diversas transformações após a revolução de 1949. Uma de suas transformações se deu nas suas relações comerciais com o mundo. A China se fechou e abandonou o bloco soviético e como consequência passou por diversos períodos de fome, por um processo de sucateamento industrial e por um grande incentivo a não educação.

Após a substituição de Mao por Deng Xiaoping no início da década de 1980, a China passa a adotar políticas pró-abertura. Esse é o início da China moderna.

Com sua reabertura a China se dispõe a aceitar o capital estrangeiro, de forma limitada inicialmente. Esses investimentos modificaram a China e a transformaram em uma das maiores economias do mundo.

Esta monografia tem como objetivo relacionar os investimentos diretos americanos ao comércio China-EUA. Para tal iremos observar dados relativos ao comércio entre os dois países e dados de investimentos diretos americanos, faremos uso principalmente de análises gráficas e colocações conjunturais.

Para analisar graficamente iremos utilizar também séries proporcionais para dados relacionados ao comércio, sendo 100% o total das exportações ou importações da China.

Ao final espera-se encontrar alguma relação entre o investimento direto americano e o comércio China-EUA, contudo sabemos que não será possível comprovar econometricamente tal relação devido à falta de dados.

1 - EUA X Mundo

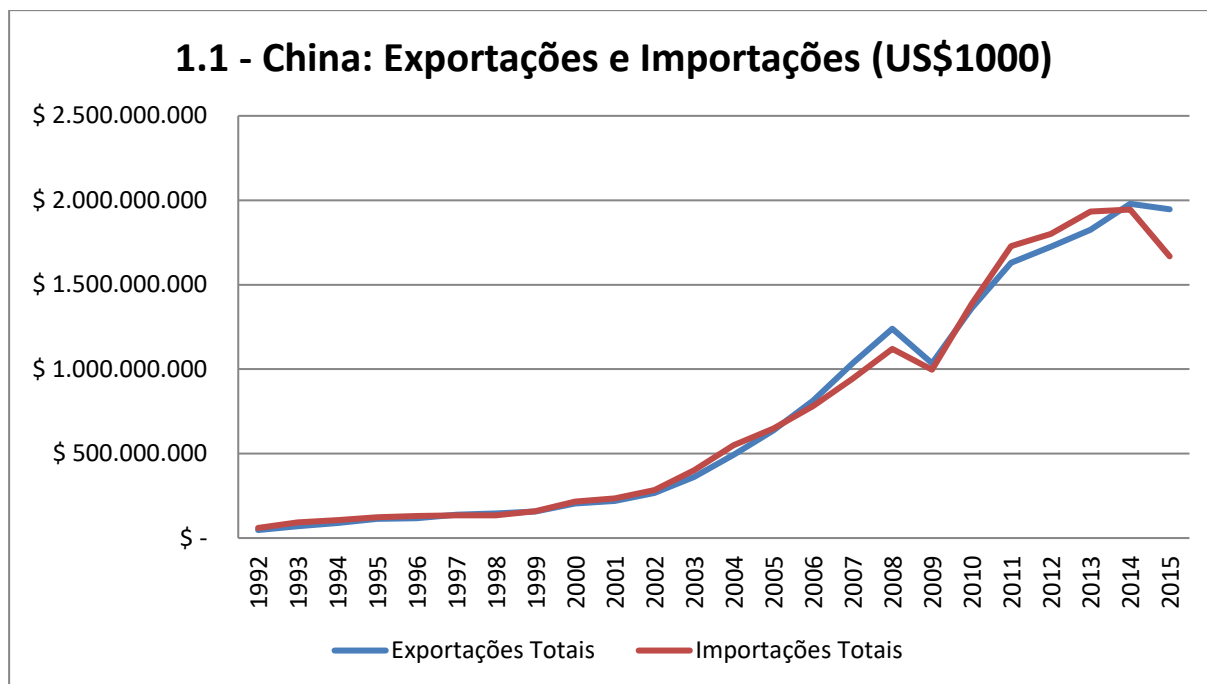
A China, desde seu rompimento diplomático com a União Soviética, se tornou um país completamente fechado para o mundo. Durante a era de Mao Zedong, as políticas socioeconômicas causaram: o envelhecimento da indústria, a ineficiência no campo, com as sucessivas reduções das colheitas de grãos, e extrema pobreza. Com a morte do líder revolucionário, Deng Xiaoping foi escolhido pelo Partido Comunista Chinês para ser o novo líder do país. Suas políticas socioeconômicas eram favoráveis ao desenvolvimento educacional e industrial do país, para tal, foi necessária a reabertura.

As relações diplomáticas do mundo com a China foram reatadas, e o comércio internacional voltou a fluir. Ao conseguir assumir o lugar de Taiwan nas Nações Unidas e ingressar na Organização Mundial do Comércio, a China se encontra em uma ótima posição diplomática no mundo, que garantiu uma maior rapidez no processo de inserção no cenário político e econômico mundial.

Ao longo deste capítulo, ficara clara a posição única dos EUA dentro da evolução comercial da China, ao mesmo tempo em que será introduzida a questão da influência dos investimentos diretos no desenvolvimento industrial chinês.

Após 1991, o comércio internacional da China começa a se expandir, ainda que lentamente. Somente após uma década, durante a década de 2000, temos um grande aumento da taxa de crescimento das importações e exportações da China.

Tanto o lado das exportações quanto o lado das importações mudaram de valores inexpressíveis para níveis incrivelmente altos, quase ultrapassando os US\$ 2 trilhões em 2014, dessa forma a China passa a ser um dos mais importantes players nos cenários de trocas internacionais. Como vemos no gráfico a seguir, temos a evolução em termos absolutos (US\$ 1000) das importações e exportações agregadas da China.



Fonte – WITS – World Integrated Trade Solution

Além de pontos já citados anteriormente, são notáveis outros dois segmentos importantes de ambas as curvas, o período entre 2007 e 2009 e o período que compreende os últimos três anos.

O primeiro nos mostra um vale. Esse se deve principalmente à crise financeira dos Estados Unidos que, ao limitar o crédito e promover um grande clima de insegurança econômica no mundo, provocou recessões em diversos parceiros comerciais e na própria China. Essas recessões causaram diminuições no poder de compra médio desses países, o que reduziu tanto as exportações chinesas para o mundo quanto a demanda interna chinesa por bens importados.

A redução do crédito no mundo também promoveu um impacto secundário negativo, a falência, redução de operações e de investimentos de diversas empresas no mundo. Devido a problemas de financiamento operacionais essas empresas foram forçadas a interromper ou reduzir suas operações diminuindo assim suas demandas por produtos intermediários (sendo a China um grande produtor dos mesmos). Já a redução de investimentos resulta em um menor consumo de bens de capital de alto valor agregado.

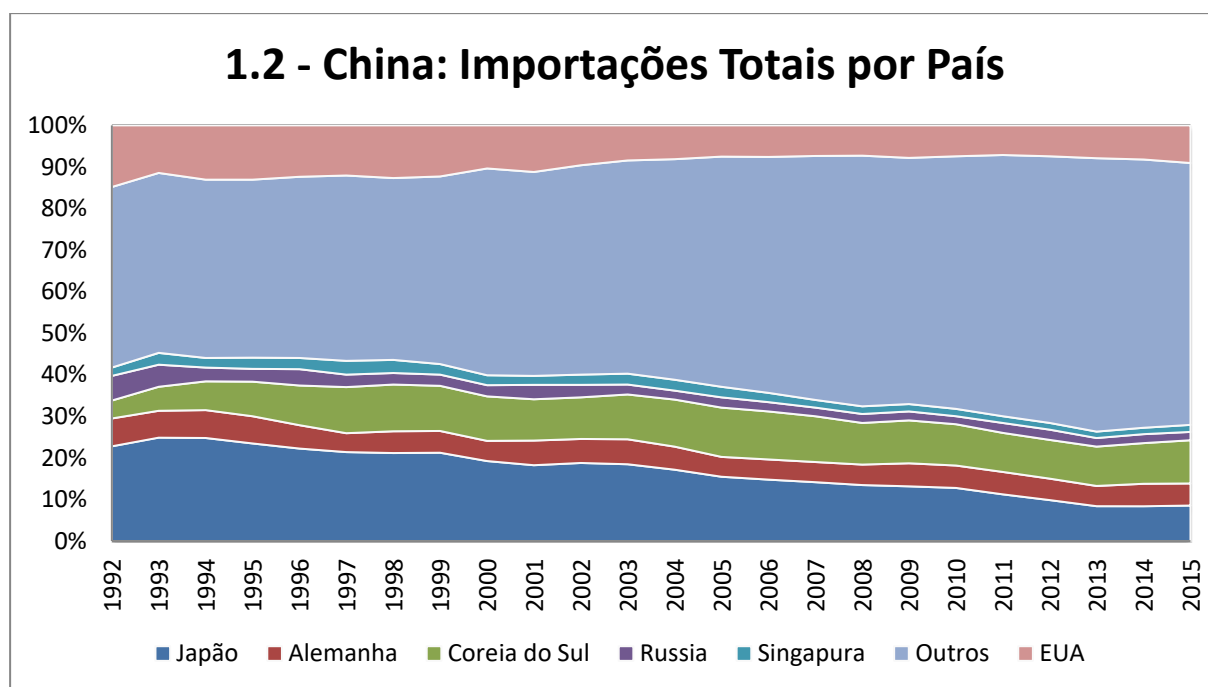
O segundo período de destaque, os últimos três anos, nos mostra uma possível tendência de declínio nas importações e exportações chinesas, sendo essa tendência mais acentuada para as importações.

A evolução, como um todo, nos ajuda a compreender também as mudanças no consumo de um chinês médio. Primeiro um consumo de bens de baixo valor agregado, sendo a provável causa das baixas taxas de crescimento das importações chinesas durante a década de 1990, posteriormente um crescendo, durante a década de 2000, até atingir uma cesta de consumo compreendendo bens de alta complexidade.

Embora seja uma forma clara de ver o ganho de importância da China no cenário mundial, a representação das importações e exportações totais não nos ajuda a ver o papel de destaque dos EUA no comércio chinês, dessa forma detalharemos as importações e exportações da China por país.

As importações chinesas mudaram drasticamente ao longo das décadas de 1990, 2000 e 2010, dessa forma é fácil concluir que os parceiros comerciais da China relevantes no início da década de 1990 podem ter perdido relevância ao longo da década de 2010.

Em 1990 o mundo se deparou com um enorme mercado consumidor de baixa renda, uma mão de obra barata e não qualificada e um país desprovido de uma indústria capaz de produzir a maior parte de bens demandados pela população. Esse ambiente foi ideal para as importações de produtos provenientes do Japão, que na época era o grande produtor de bens de baixo valor, como veremos no gráfico a seguir.



Fonte – WITS – World Integrated Trade Solution

O pequeno destaque dado para os EUA, com pouco mais de 10% das importações totais da China no início da década de 1990, se deve a política do então líder chinês Deng Xiaoping de renovar a indústria chinesa.

Com a renovação da indústria chinesa durante a década de 1990, a demanda por bens de capital americanos cai ao longo da década de 2000, sendo ela principalmente pela demanda matérias primas de países menos desenvolvidos. Essa nova demanda é representada no gráfico com o aumento da proporção dos Outros, representando 37,8% em 1992 foi para o nível de 58,65% em 2015.

Outros dois casos notáveis são o Japão e o Coréia do Sul. Devido ao efeito do aumento da renda média da população chinesa junto da produção interna de produtos industriais de baixa tecnologia, o Japão começa a perder importância, saindo de quase 25% em 1992 para pouco menos de 7% em 2015 da proporção total. Vale ressaltar que no caso do Japão, suas indústrias de baixa tecnologia foram sendo substituídas por indústrias de alta tecnologia ao longo das décadas de 1990 e 2000, dessa forma, suas exportações para a China também foram substituídas reduzindo assim a taxa de queda de sua proporção.

A Coréia do Sul também é um caso notável, ultrapassando os EUA na década de 2000. Nesse caso a importação da China é de principalmente de produtos de alta tecnologia.

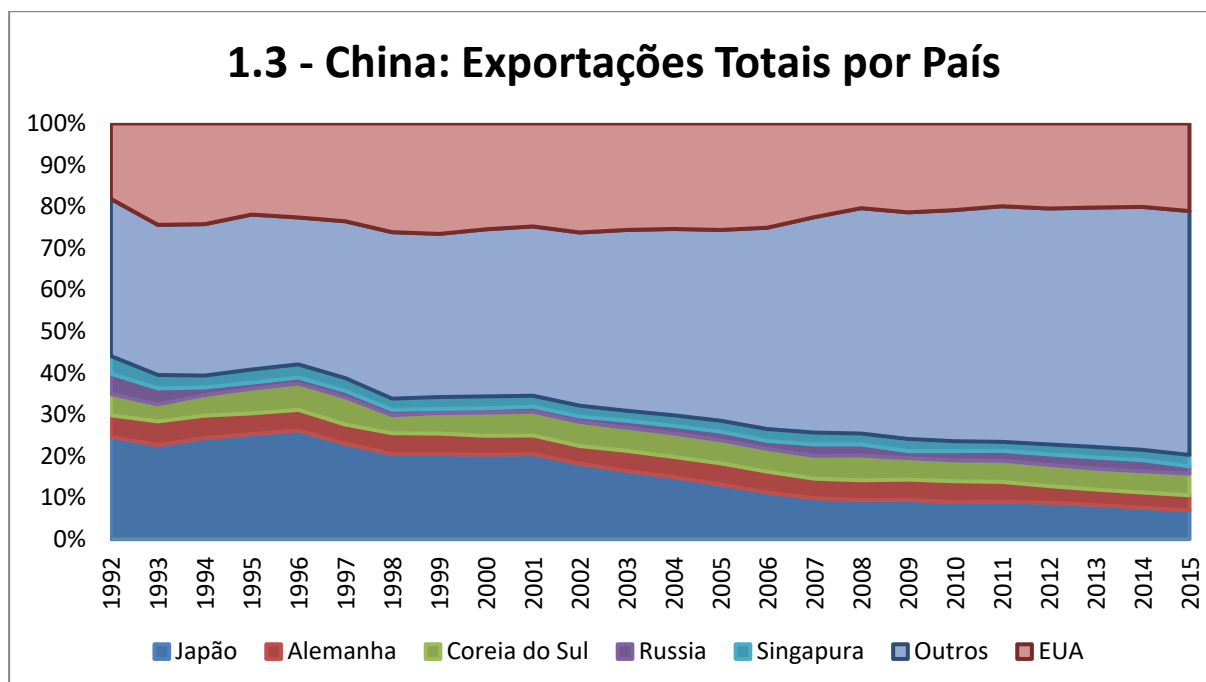
Com relação as exportações, a China também passa por grandes transformações na composição de parceiros comerciais. O desenvolvimento da indústria nacional durante as décadas de 1990 e 2000, resultou em um portfólio variado de bens exportados.

Enquanto que no início da década de 1990 a China exportava principalmente bens de consumo de baixa tecnologia, intensivos em mão de obra, no final da década de 2000 as exportações já consistiam de bens de capital e bens de consumo mais sofisticados, intensivos em capital.

Essas mudanças na estrutura industrial chinesa se deram por meio de um fator principal: educação. No meio década de 1990, a educação se tornou um pilar das políticas governamentais de desenvolvimento da China. Como consequência desse paradigma, as novas gerações de chineses passaram a ter um grau de qualificação cada vez maior, transformando a produção nacional.

Apesar de a educação ser o fator principal temos também fatores secundários importantes, como o investimento externo e políticas governamentais ligadas ao crédito e subsídios.

Quando olhamos para a proporção dos principais parceiros comerciais da China ao longo do tempo temos o seguinte gráfico.



Diferente do gráfico referente as importações, a Coréia do Sul não se transforma em um parceiro comercial de maior expressão ao longo da década de 2000. O Japão, por outro lado, apresenta a mesma queda acentuada nas décadas de 1990 e 2000, esse resultado se deve principalmente as mudanças dos produtos exportados da China, que ao se tornarem mais sofisticados, passaram a competir quase que diretamente com os produtos japoneses.

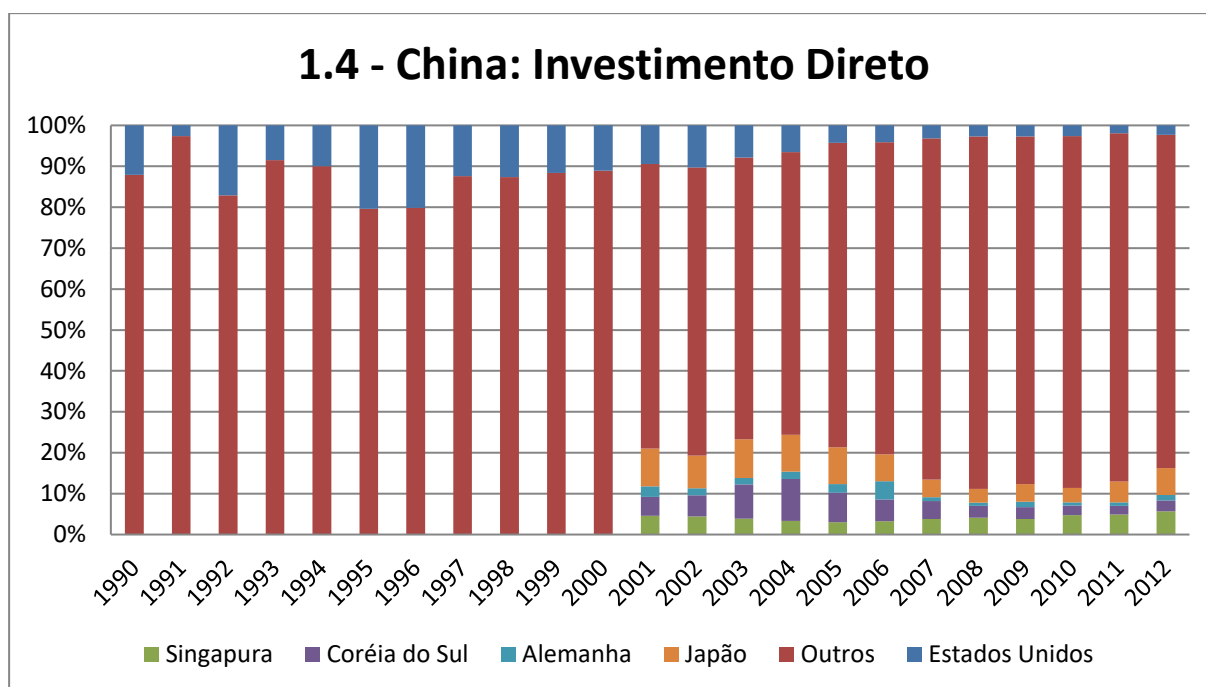
Com relação aos Outros, vemos um grande crescimento na década de 2000, com uma tendência a se estabilizar vista nos anos de 2014 e 2015. Esse crescimento se deve não somente ao preço baixo dos produtos chineses no mercado internacional, mas também ao crescimento da renda média dos países menos desenvolvidos durante a década de 2000, principalmente dos países chamados BRICS e de alguns outros países populosos do sudeste asiático.

O caso americano, diferente das importações, é único. A proporção aumenta durante a década de 1990, possivelmente resultado da substituição das origens das importações americanas de produtos de baixo valor agregado, que vinham principalmente do Japão no início da década de 1990 e foram substituídos pelos chineses ao longo da mesma década, por serem mais caros.

Com o desenvolvimento da indústria chinesa essa proporção cai, mas não como o caso Japonês. A proporção se estabiliza em torno dos 20%, tornando o caso americano especial. Para entendermos o comportamento da evolução das exportações e das importações, assim como para tentarmos explicar o caso dos EUA, podemos supor diversos motivos. Um deles é supor que a expansão da indústria chinesa se deu através do investimento direto dos países mais desenvolvidos.

Ao longo da década de 1990, a grande parte dos países ditos industrializados, aproveitaram a reabertura chinesa, não somente para exportar seus produtos, mas também para explorar a mão de obra abundante e barata da China, transferindo assim a produção de bens mão de obra intensivos para a China. Essa transferência pode ser captada pelo investimento direto realizado na China.

Esse investimento direto se daria na forma de construção e expansão de indústrias na China ou na forma de compra de financiamento, através da compra de empresas ou de parte delas.



Fonte – UNCTAD FDI/TNC database; The US-China FDI Project

Quando comparamos as proporções dos principais parceiros comerciais da China ao longo da década de 2000 vemos que os EUA possuem uma parcela significativa dos investimentos diretos inicialmente. A Coreia do Sul, apesar de não apresentar uma proporção significativa na maior parte do tempo, teve uma boa importância no início da década de 2000, o Japão, por sua vez, não apresenta em momento algum após o ano de 2006, uma proporção significativa dos investimentos diretos, apesar de representar uma boa parte das exportações e importações da China no início da década de 1990.

Isso pode implicar que a proporção das importações e exportações na década de 1990 não sofriam grande influência do investimento direto, mas eram somente um reflexo da demanda chinesa. Contudo com a queda das proporções do Japão ao longo das décadas de 1990 e 2000, podemos supor que com a evolução da produção industrial chinesa, o investimento direto passa a ter maior influência sobre essas proporções, principalmente sobre as exportações da China, uma vez que a proporção dos EUA se manteve estável e significativa após a metade da década de 2000.

Dessa maneira, é possível formular a hipótese de que o investimento direto influencia de alguma forma as proporções das importações e exportações de um país cuja indústria já está estabelecida e dependente de menos capital físico.

No caso da China, poderíamos pensar que o investimento direto americano, pode influenciar o quanto os Estados Unidos representam nas importações e exportações da China, principalmente a proporção relacionada as exportações, uma vez que nessa proporção os EUA são um caso especial.

Formulada essa hipótese, podemos olhar a relação China - Estados Unidos com mais detalhes para entendermos melhor de que forma as importações e exportações entre esses dois países evoluiu.

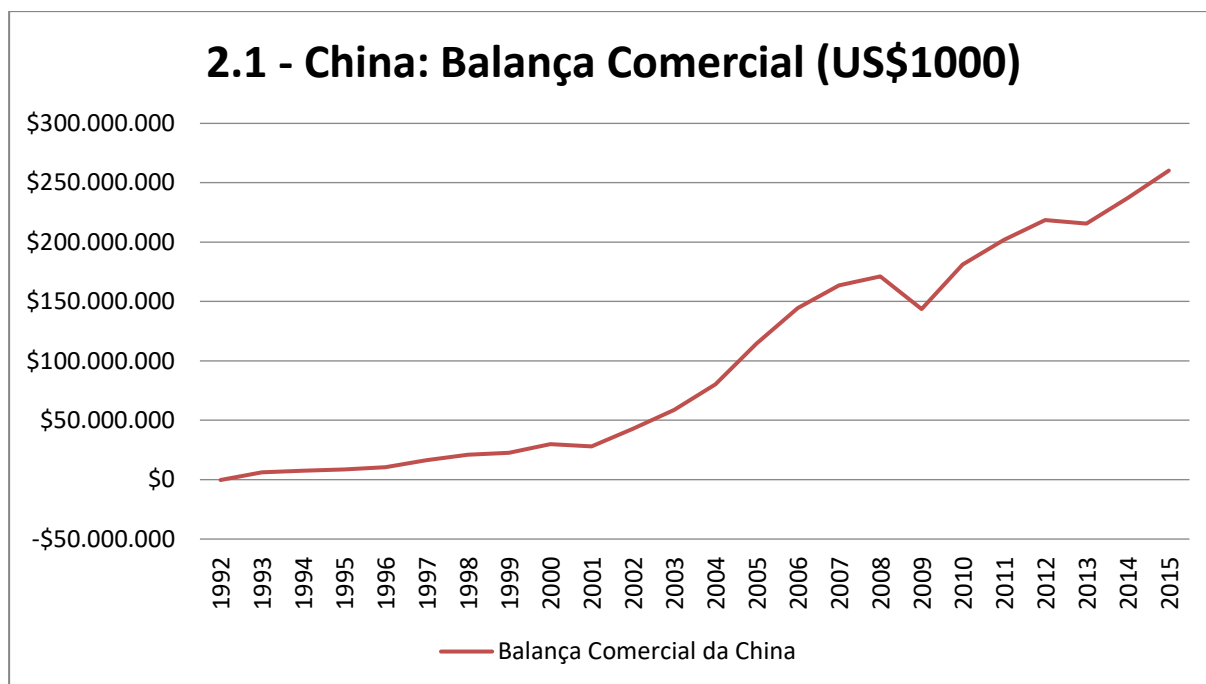
2 - EUA e China - Comércio

O comércio entre a China e os EUA não representava um valor significativo no início da década de 1990, contudo, após a reabertura do mercado chinês e a reaproximação dos Estados Unidos com a China, consequência principal das políticas externas iniciadas pelo presidente americano Nixon, o comércio entre os dois países cresceu.

Devido ao rápido crescimento econômico e tecnológico chinês podemos observar dois fatores importantes para analisarmos o comércio entre China e os Estados Unidos: a grande mudança do padrão de consumo chinês médio e a evolução da produção chinesa.

Dessa forma, nesse capítulo iremos analisar o comércio entre os dois países comparando, quando pertinente, a sua evolução com o comércio China e Mundo excluindo-se os EUA.

O primeiro passo é analisar a balança comercial entre os dois países.



Fonte – WITS – World Integrated Trade Solution

A balança comercial, vista pelo lado chinês, nos mostra um comércio pouco expressivo durante a década de 1990, apresentando crescimento baixo até o ano de 2001, dado que a economia chinesa possuía um parque industrial deficiente (resultado dos baixos investimentos e políticas do governo chinês) e atrasado em relação ao mundo era de se esperar esse resultado.

Por outro lado, as décadas de 2000 e 2010 apresentam um grande crescimento. Podemos atribuir esse crescimento à expansão e modernização da indústria chinesa. Hoje o superávit comercial chinês atinge valores superiores a US\$ 250 bilhões. Podemos observar um segmento de queda em 2008. Como já foi dito, isso se deve principalmente à crise financeira americana que teve grande impacto sobre o crédito e o poder de compra médio do cidadão americano.

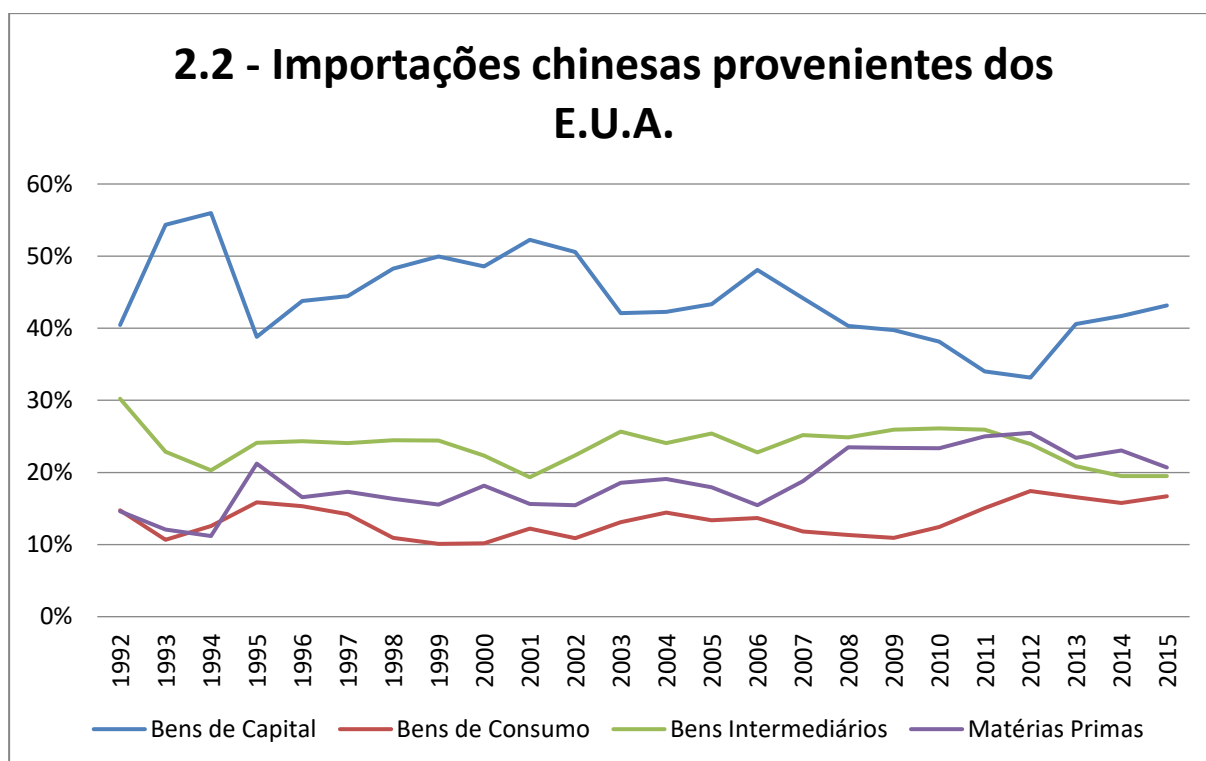
É adequado dizer que a década de 1990 foi uma década de reestruturação da sociedade chinesa. Devido às políticas adotadas por Deng Xiaoping centradas na abertura controlada para o capital externo com as Zonas Econômicas Especiais, na reorganização industrial e na reforma agrária, apresentarem retornos cada vez menores, em 1992 Xiaoping se aposenta compulsoriamente e tem como sucessor Jiang Zemin.

Zemin percebe que as políticas de Xiaoping estavam perdendo eficácia, e promove a adaptação das mesmas para melhor se adequarem à nova realidade da China. Zemin se utiliza da mão de obra barata de seu país para atrair cada vez mais capital ao longo da década de 1990, dessa forma, as indústrias de baixo valor agregado foram a base de suas reformas.

O capital se acumulou ao longo da década de 1990, chegando a um nível que possibilitou o grande incentivo estatal à modernização da indústria. Como parte do plano de Zemin, a China passa a importar, ao longo da mesma década, conhecimento e bens de capital mais avançados e sofisticados, principalmente de seu vizinho o Japão.

Como consequência desse movimento de modernização, na década de 2000, a composição das exportações chinesas se transformou, passando de uma quase totalidade de bens de consumo de baixo valor agregado, para uma composição mais valorizada, com bens de consumo, agora mais sofisticados, e bens de capital de maior valor agregado refletindo o crescimento da balança comercial nessa década.

As importações, por sua vez, tiveram de se adaptar a essa nova realidade industrial. O mesmo ocorreu nas importações de bens provenientes dos Estados Unidos, como vemos no gráfico a seguir.



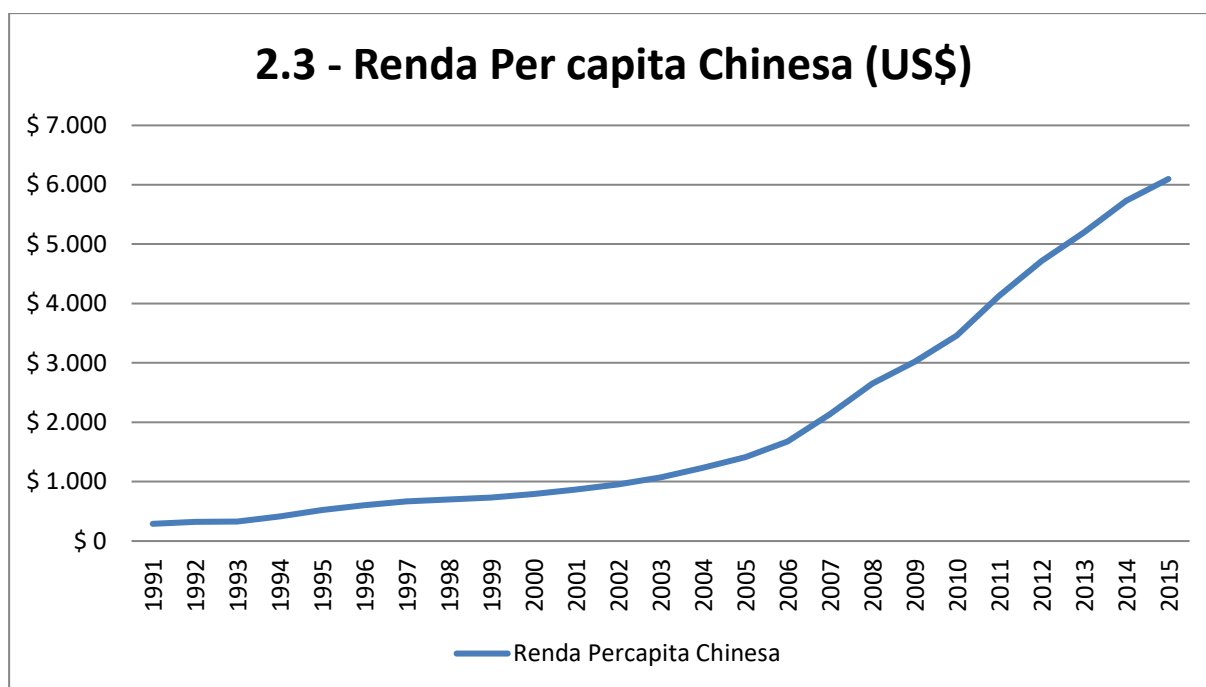
Fonte – WITS – World Integrated Trade Solution

As importações de bens de capital sofreram grandes alterações na década de 1990. No início da década representavam grande parte do valor das importações totais da China, provavelmente devido ao período de formulação do plano de Zemin, que substituiu os bens de capital provenientes dos Estados Unidos por bens japoneses, mais baratos e de melhor qualidade. Após 1995, os bens de capital têm um crescimento persistente até o fim da década retornando para a casa acima dos 50% das importações totais, contudo esse crescimento não se sustenta na década de 2000.

Como será visto na análise de exportações, a década de 2000 foi marcada pela expansão da produção de bens de capital na China, isso explica uma boa parte da queda do peso das importações de bens de capital. Outra consequência que pode ser explicada pelo desenvolvimento do setor industrial chinês foi o aumento da demanda de matéria prima.

Por outro lado, a proporção de importações de bens de consumo teve crescimento lento a partir da década de 2000, mesmo com um grande crescimento da renda per capita chinesa.

O gráfico abaixo mostra a evolução da renda per capita da China ao longo das décadas de 1990 a 2010.



Fonte – World Bank – World Bank Data Bank

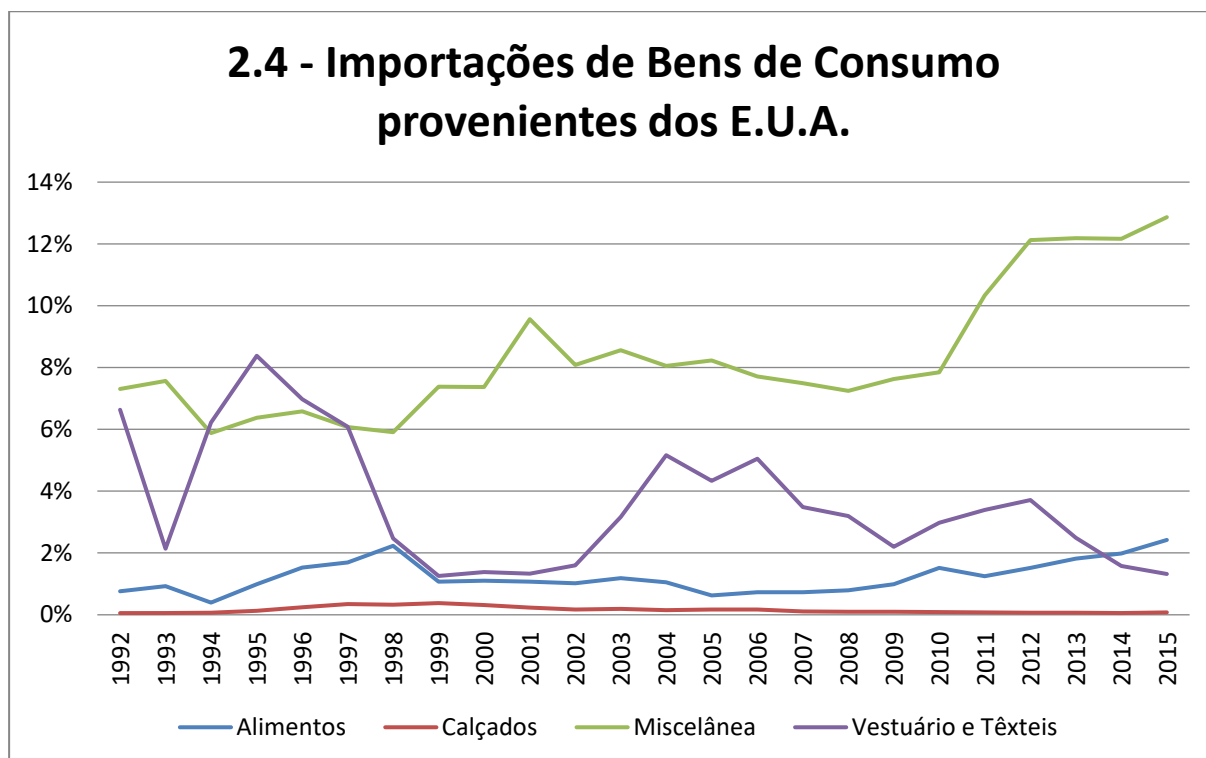
Mesmo com taxas de crescimento superando 10% ao ano, a renda per capita da chinesa ainda é considerada baixa. Dessa forma, produtos importados, em sua maioria produtos superfluos, não estarão presentes na cesta de consumo do chinês médio. No caso americano, a importação de bens de consumo se concentra principalmente em produtos supérfluos e alimentos, como será visto adiante.

A evolução do peso das importações de bens intermediários apresenta forte queda no início da década de 1990 e em 1999, podendo ser explicada pela simples substituição de importações.

O governo chinês adotou, ao longo do processo de evolução industrial, uma política de incentivos a indústrias de base, com foco na produção de metais e de produtos químicos. Como a exportação de bens intermediários americana para a China tinha em sua composição uma parcela significativa de produtos químicos, a produção interna substituiu as importações o que resultou em sua queda. A partir de 2003, temos uma estabilização com tendência de queda a partir de 2011, resultado da consolidação das indústrias nacionais.

Como estamos observando a evolução das exportações e importações chinesas para tentarmos encontrar alguma evidencia que as liguem ao investimento direto americano na

China, é pertinente analisá-las com mais detalhes, abrindo-as para cada tipo de bem. Primeiro os bens de consumo.



Fonte – WITS – World Integrated Trade Solution

O gráfico acima apresenta o quanto do total das importações provenientes dos EUA a China importa de cada tipo de bem.

Compondo o grupo de bens de consumo, temos: alimentos, calçados, miscelânea e vestuário e têxteis. Quando olhamos em detalhe podemos concluir que vestuário e têxteis e miscelânea são responsáveis pelas variações na proporção de importação de bens de consumo.

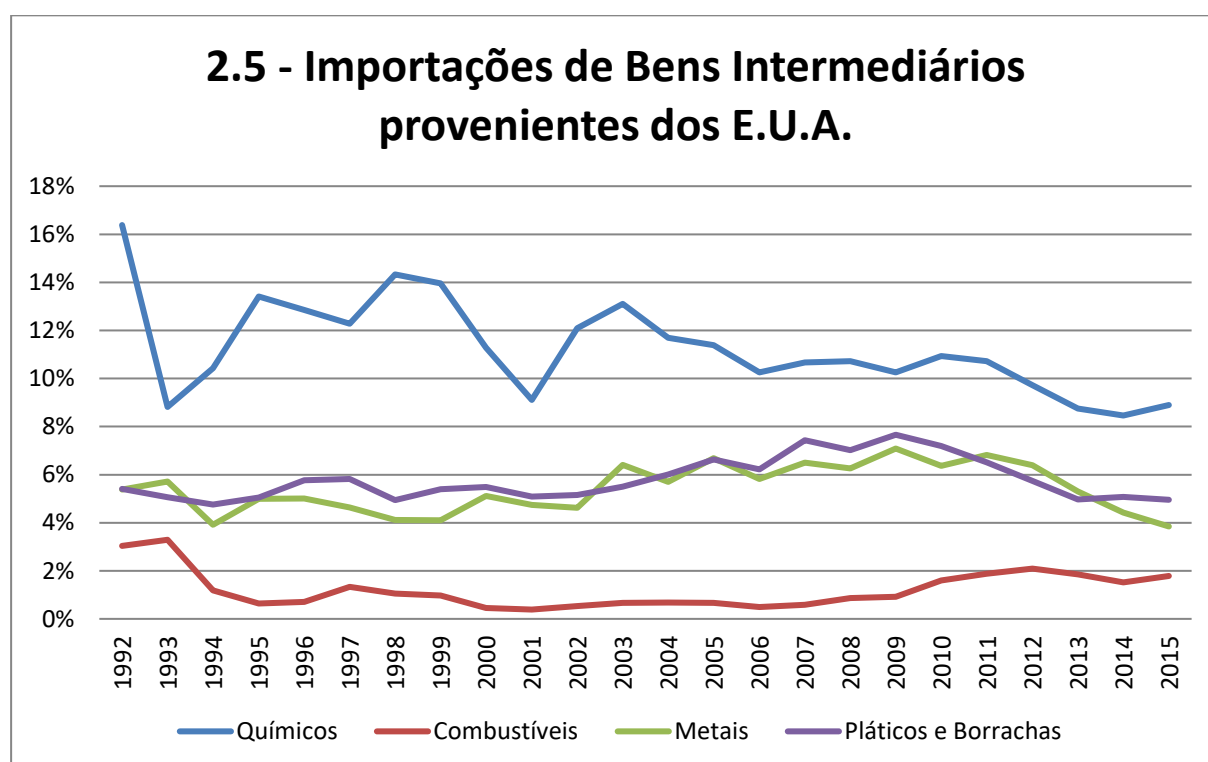
A queda na década de 1990 e no início da década de 2000 ocorre devido a grande queda na proporção de importações de vestuários e têxteis, já o lento aumento a partir de 2003 pode ser atribuído, inicialmente a uma recuperação na proporção de vestuário e têxteis, e posteriormente no aumento da proporção de miscelânea, a partir de 2010. Logo, podemos atribuir esses movimentos ao aumento da renda per capita chinesa.

O investimento direto, possivelmente na década de 1990, foi principalmente o responsável pela queda na proporção de importações de vestuário e têxteis.

Como são produtos provenientes de indústrias mão de obra intensivas, suas produções seriam afetadas pelo investimento estrangeiro inicial (década de 1990), dessa forma é possível argumentar que a queda será ser atribuída a uma possível substituição de importações, já o aumento posterior na década de 2000, poderia ser atribuído ao encarecimento da mão de obra chinesa que inviabilizou grande parte da produção interna e obrigou a China a importar mais esses produtos.

Seguindo a hipótese de que o investimento direto americano foi responsável por grande parte das mudanças na composição da produção chinesa, o aumento relativo das importações de bens de consumo foi um impacto indireto desses investimentos.

Em seguida passamos para a análise dos bens intermediários.



Fonte – WITS – World Integrated Trade Solution

O grupo de bens intermediários é composto por produtos químicos, combustíveis, metais e plásticos e borrachas. É fácil observar que a trajetória da proporção de plásticos, borrachas e metais é bastante similar, apresentando um pequeno crescimento nas décadas de 1990 e 2000 atingindo seus picos no final da década de 2000 e tendendo à queda na década de 2010.

Os bens combustíveis, por sua vez, caíram em 1993 e permaneceram estáveis até o ano de 2008, quando começaram a apresentar um pequeno crescimento, possivelmente relacionado com a crise financeira americana e a recente queda nos preços do petróleo.

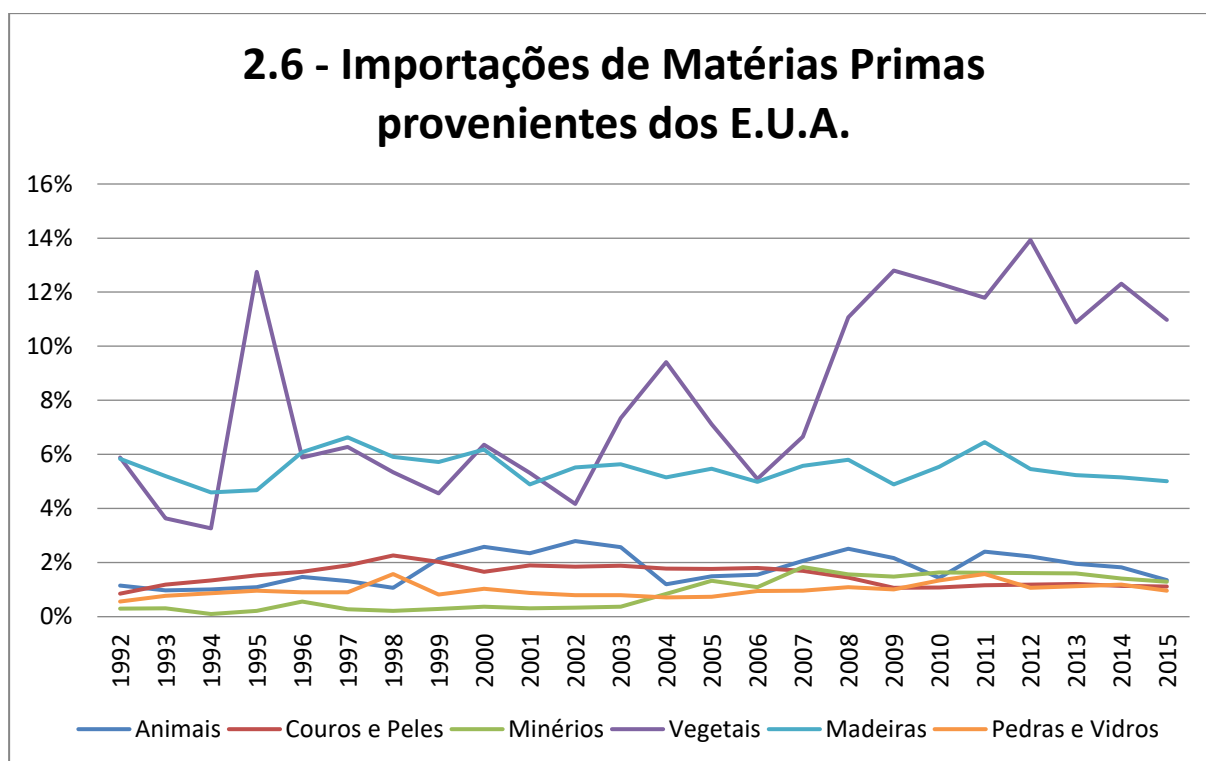
O componente mais importante, também é o mais volátil. Os produtos químicos são responsáveis pelas grandes variações na proporção de importação de bens intermediários. A queda de produtos químicos no início da década de 1990 ligada à pequena contribuição de combustíveis, foram responsáveis pela queda da proporção de bens intermediários.

O crescimento da proporção de importação de produtos químicos na década de 1990 pode ser explicado pelo aumento da demanda industrial, resultado do desenvolvimento da indústria chinesa nesse período. Após 2003 vemos uma queda tendencial na proporção de produtos químicos, resultado da maturação dessa indústria na China. Essa queda é contrabalanceada pelo aumento na proporção de plásticos, borrachas e metais, resultando na estabilização da proporção de bens intermediários até o ano de 2011, quando todos os bens, exceto combustíveis, apresentam uma queda tendencial.

Com relação a interação do investimento direto e os bens intermediários, podemos, intuitivamente, argumentar que o investimento direto não teria muita influência na produção desse tipo de bem, uma vez que a China não possuía competitividade na sua produção.

Foram necessários incentivos vindos do Estado para que esse tipo de indústria se tornasse atrativa para o capital estrangeiro. Dessa forma seria possível pensar que a evolução da proporção de bens intermediários se deu não pela alteração neles, mas como reflexo das mudanças nos outros tipos de bem.

As importações de matérias primas, assim como as importações de bens intermediários, se alteraram ao longo das décadas pelo fato de a produção industrial chinesa ter evoluído, ou seja, essas importações não promoveram as grandes mudanças na produção chinesa mas foram consequências diretas e indiretas da mudança da cesta de produção chinesa.



Fonte – WITS – World Integrated Trade Solution

O grupo de matérias primas é composto por: animais, couros e peles, minérios, vegetais, madeiras e pedras e vidros.

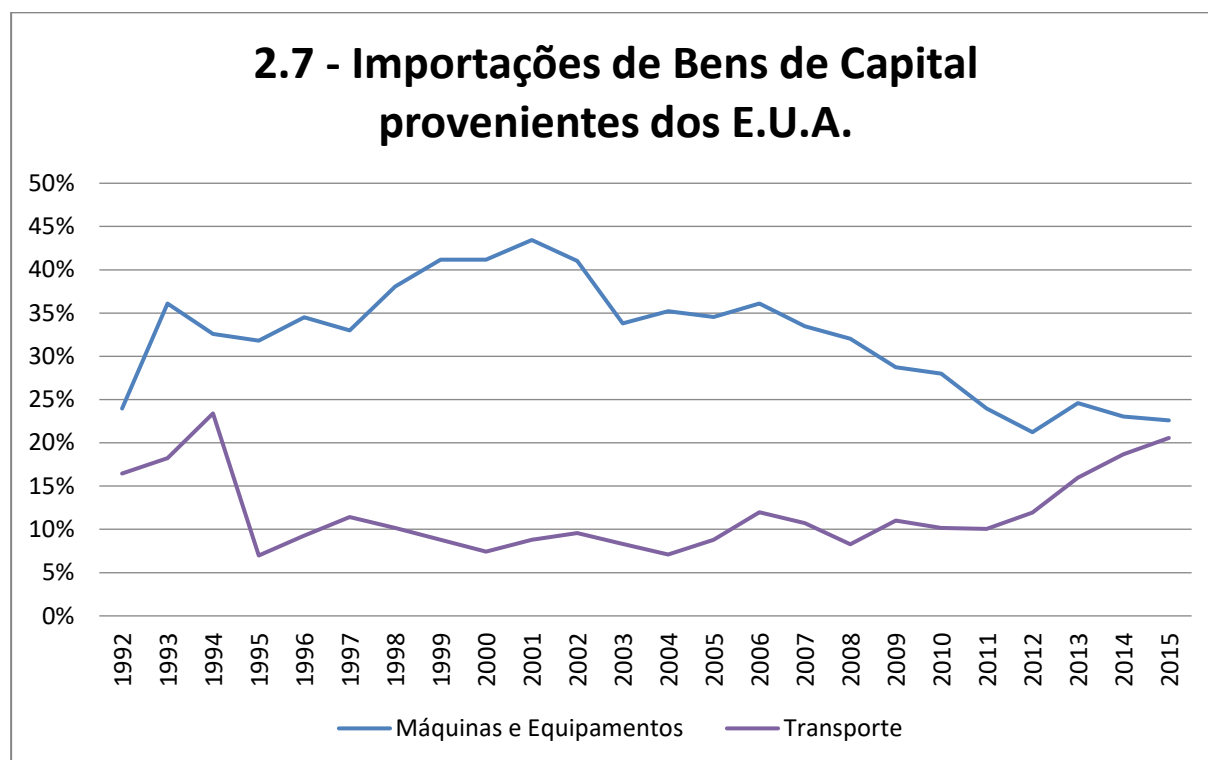
Está claro que o principal componente responsável pelo aumento das importações de matérias primas na década de 2010 são os vegetais. Esse tipo de bem é o principal componente da indústria de alimentos chinesa, que devido ao tamanho da população do país, se grande.

Contudo esse não é o bem de maior importância quando relacionamos o desenvolvimento industrial chinês e a importação de matérias primas. Nesse caso a atuação desse tipo cai, já o aumento na proporção de minérios na década de 2000, que supriu a crescente demanda da indústria siderúrgica chinesa, também é notável a queda, na década de 2010, da proporção de importação de couros e peles, evidenciando a menor importância das indústrias de vestuário e calçados, intensivas em mão de obra.

A relação entre os bens de matéria prima e o investimento direto é nula, uma vez que a produção de matérias primas, em grande parte, é dependente da detenção de fontes naturais e da geografia do país. O único caso no qual poderia ser feito um argumento a favor da influência do investimento direto americano seria na produção de vegetais, dado o grande

mercado nacional. Entretanto, por ser uma indústria de baixo retorno provavelmente não recebeu muitos investimentos estrangeiros e por consequência não foi muito influenciada por eles.

Por fim iremos detalhar a composição das importações de bens de capital.



Fonte – WITS – World Integrated Trade Solution

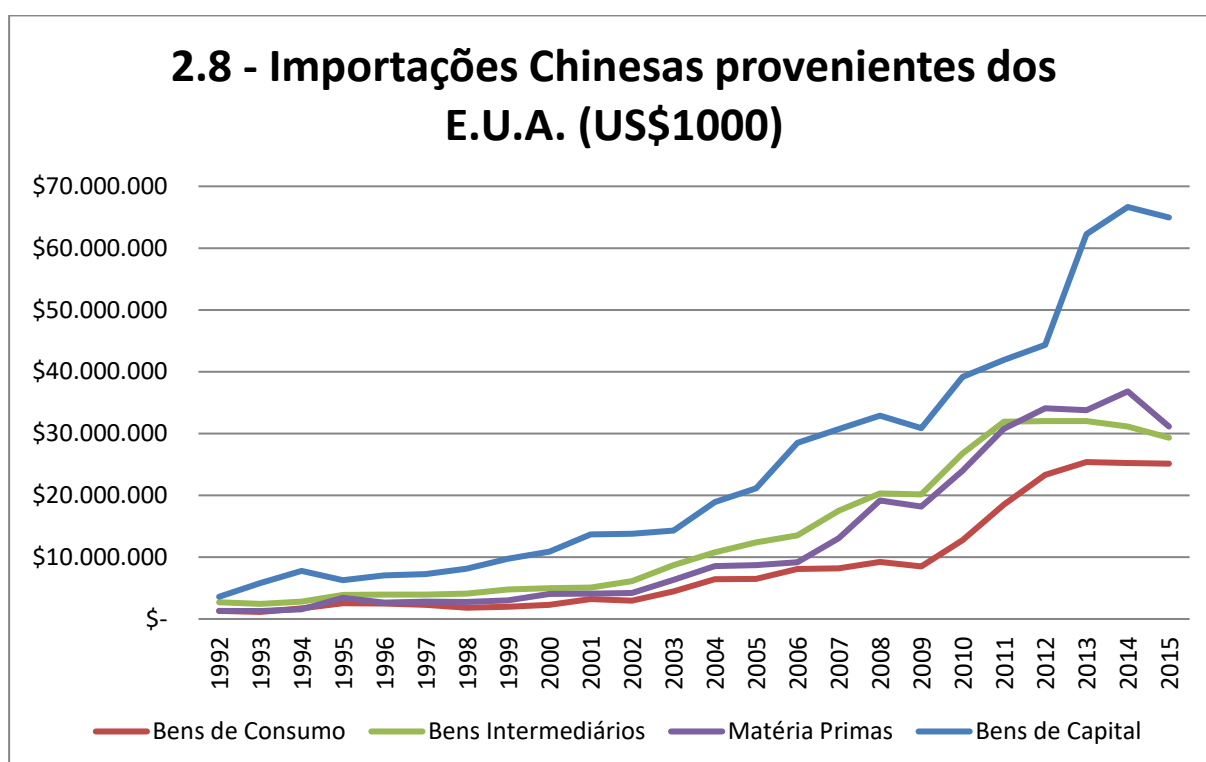
Esse conjunto de bens é composto somente por máquinas e equipamentos e bens de transporte.

Ao olharmos para os bens de transporte, observamos uma grande queda no ano de 1995, responsável pela queda do agregado dos bens de capital no mesmo ano, já o seu aumento na década de 2010, compensa a queda em máquinas e equipamentos, mas não é o suficiente para evitar a queda do grupo.

A trajetória de máquinas e equipamentos nos mostra um reflexo de como foi o desenvolvimento industrial chinês. Durante a década de 1990 e até a metade da década de 2000 temos um aumento de sua proporção, mesmo com a competição dos bens de capital japoneses favorecidos pelas políticas estatais.

Após 2001 vemos uma queda relacionada principalmente ao aumento interno na produção de bens de capital, substituindo os produtos importados.

Essa substituição está provavelmente ligada ao investimento direto estrangeiro na China, principalmente o investimento americano. Os Estados Unidos, transferiram uma significativa parcela de sua produção de bens de capital interna para a China ao longo da década de 2000, uma vez que a mão de obra chinesa apresentava os requisitos de qualificação (após as reformas educacionais promovidas por Xiaoping e Zemin). Dessa forma podemos argumentar que o investimento direto americano, provavelmente, influenciou diretamente na redução da proporção de importação de bens de capital.



Fonte – WITS – World Integrated Trade Solution

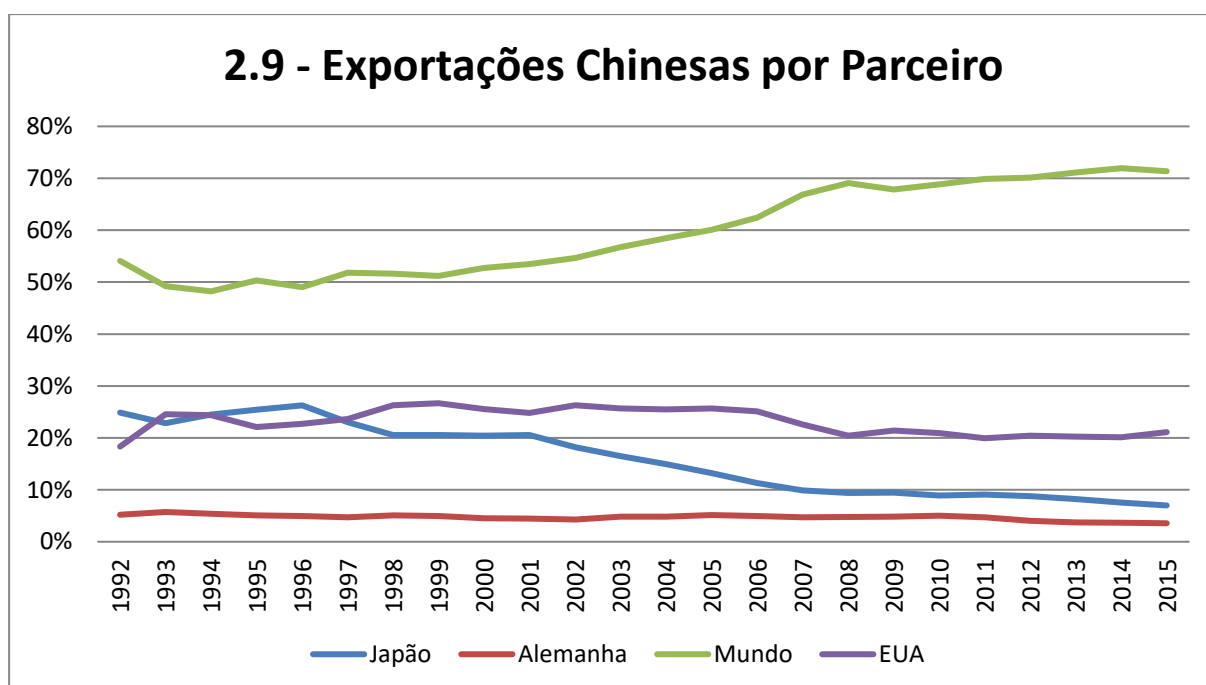
A expansão do mercado consumidor (em grande parte devido ao aumento da renda) e o avanço das práticas capitalistas nas políticas e mentalidade chinesa nos últimos anos promoveu o crescimento acentuado das importações nos últimos anos.

Ao longo dessa análise sobre a composição da importação de produtos americanos pela China, foi explicitado que, intuitivamente, o investimento direto estrangeiro influencia pouco nas importações chinesas, sendo as importações de máquinas e equipamentos um caso especial. Nesse caso, é provável, que o investimento direto americano tenta influenciar na

evolução da proporção de importação de máquinas e equipamentos por meio da transferência de sua produção dos Estados Unidos para a China.

Como foi visto no início desta monografia, a evolução da parcela que os Estados Unidos representam nas importações totais da China, não difere muito das evoluções das importações totais de outros países. Logo, se existir, de fato, esse efeito do investimento direto sobre as importações de bens de capital ele não é significativo a ponto de destacar os EUA com relação ao mundo.

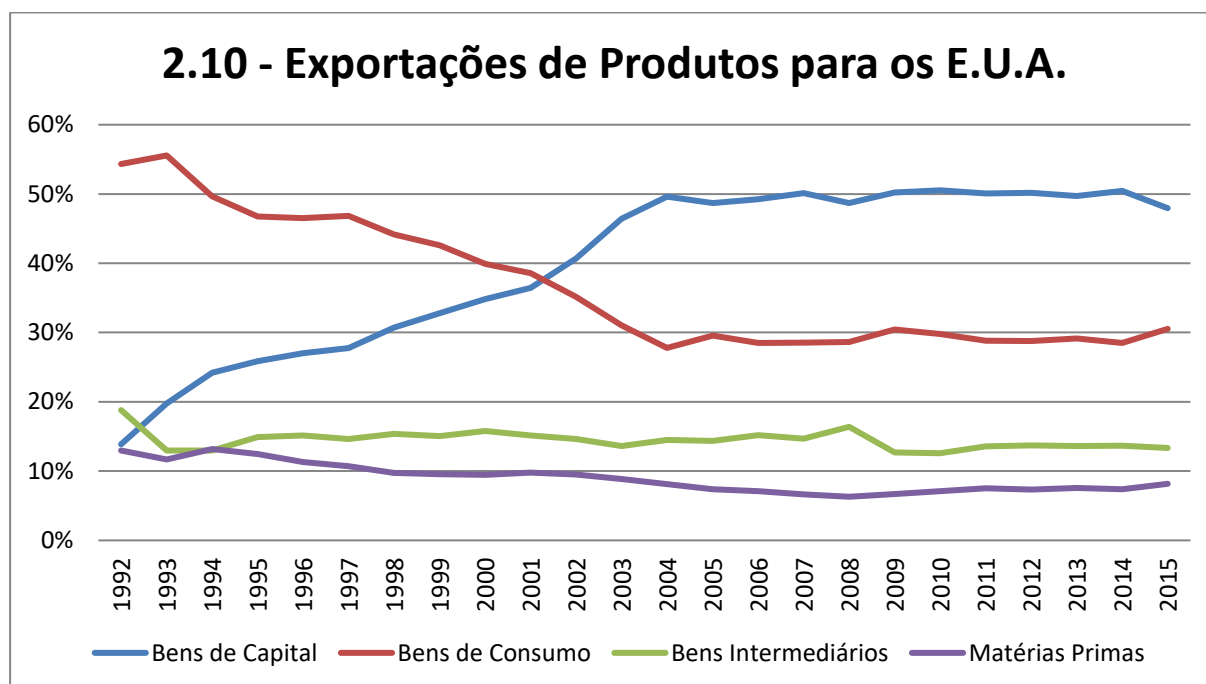
Por outro lado, com relação as exportações, observamos que os Estados Unidos são um caso a parte.



Fonte – WITS – World Integrated Trade Solution

Quando comparamos as proporções das exportações chinesas vemos o diferencial dos EUA. Ao longo das décadas de 1990 e 2000 a proporção do Japão cai drasticamente, dando lugar a outros países no mundo, enquanto que os EUA obtiveram um pequeno aumento e se mantiveram acima dos 20% se tornando o maior consumidor de produtos chineses no mundo. A queda no ano de 2008 se deve, mais uma vez, a crise americana que reduziu o poder de compra médio de um americano.

Ao olharmos para as exportações mais detalhadamente, poderemos possivelmente encontrar algum indício que relacione o investimento direto americano ao comércio entre os dois países.



Fonte – WITS – World Integrated Trade Solution

A composição das exportações para os EUA nos mostra uma importante transição da economia chinesa com relação ao comércio entre os dois países.

A década de 1990 foi um período de transição, a China passou de um país, principalmente, exportador de bens de consumo para um exportador de bens de capital. Essa transição se deve, em grande parte, a dois motivos: o avanço da indústria chinesa na produção de bens de maior valor agregado e dos avanços educacionais no país que, ao capacitarem melhor a mão de obra, permitiram o estabelecimento dessas indústrias.

Essa transição pode ser um indício interessante para entender, se e de que forma o investimento direto americano está ligado ao comércio China-Estados Unidos.

A parcela referente à proporção das exportações de bens de consumo apresenta grande queda durante a década de 1990 e o início da década de 2000, passando de mais da metade do valor das exportações totais para pouco menos de um terço do total. Esse movimento evidencia o progresso chinês quanto à capacitação de sua mão de obra e o desenvolvimento industrial do país. Dessa maneira, os bens de consumo, mão de obra

intensivos, representavam mais da metade do que era exportado para os EUA no início da década de 1990 passaram a ter cada vez menos importância.

Como consequência do foco das políticas governamentais em capacitação da mão de obra, os salários médios do país aumentaram, logo, os investimentos diretos estrangeiros, provavelmente, foram deslocados das indústrias mão de obra intensivas, agora cada vez mais inviáveis, para indústrias mais rentáveis com produtos de maior valor agregado.

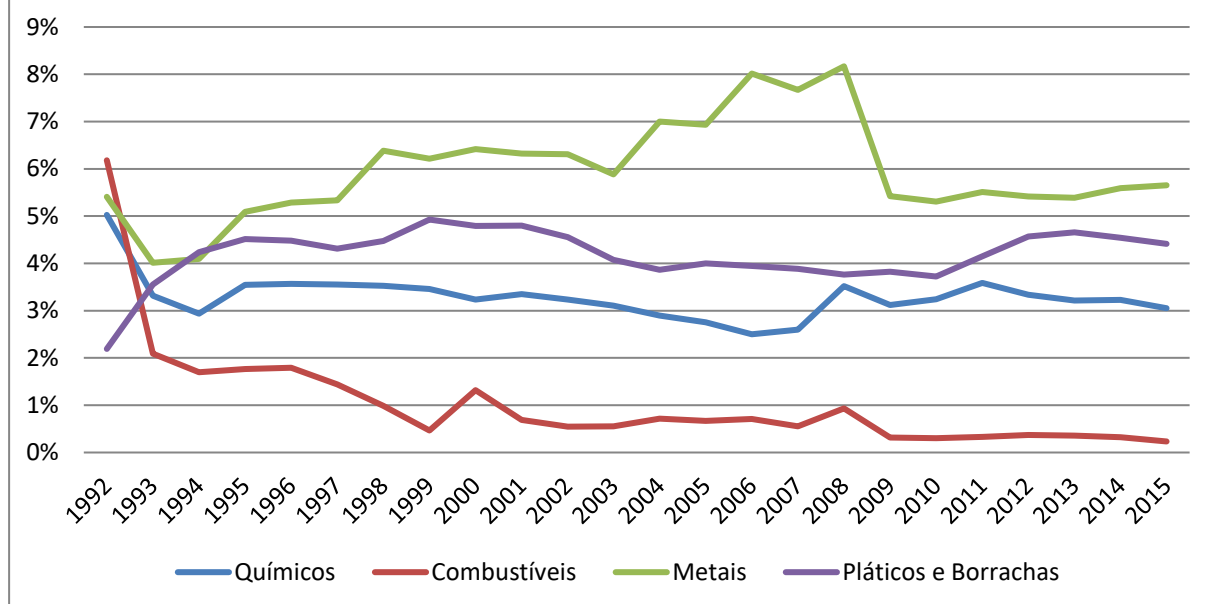
A nova indústria escolhida foi a indústria de bens de capital, parte por ser mais rentável que as indústrias mão de obra intensivas e parte pelos incentivos dados pelo governo chinês ao investimento nesse tipo de indústria. Isso é de fácil visualização, uma vez que a proporção de exportações de bens de capital é um reflexo da proporção de bens de consumo, crescendo muito até o início da década de 2000. Nota-se uma estabilização de ambas as proporções após o ano de 2004, sendo que agora bens de capital representam em média 50% do total do valor exportado para os EUA.

Os casos das matérias primas e de bens intermediários, são bem menos interessantes. No primeiro, observamos pequena queda ao longo do tempo, que se deve, provavelmente, a utilização dessas matérias primas na indústria nacional, principalmente indústrias de bens intermediários como a indústria siderúrgica. O caso dos bens intermediários, por sua vez não apresenta qualquer alteração significativa, salvo uma pequena flutuação no ano de 2008, com um pequeno aumento seguido de queda.

Utilizando o mesmo método usado para as composições importações, iremos detalhar as exportações para cada tipo de bem, começando pelos bens menos interessantes, os bens intermediários e as matérias primas.

Primeiro os bens intermediários.

2.11 - Exportações chinesas de Bens Intermediários para os E.U.A.



Fonte – WITS – World Integrated Trade Solution

Da mesma forma que vista nas importações, as exportações estão apresentadas na proporção do total de exportações chinesas destinadas aos EUA.

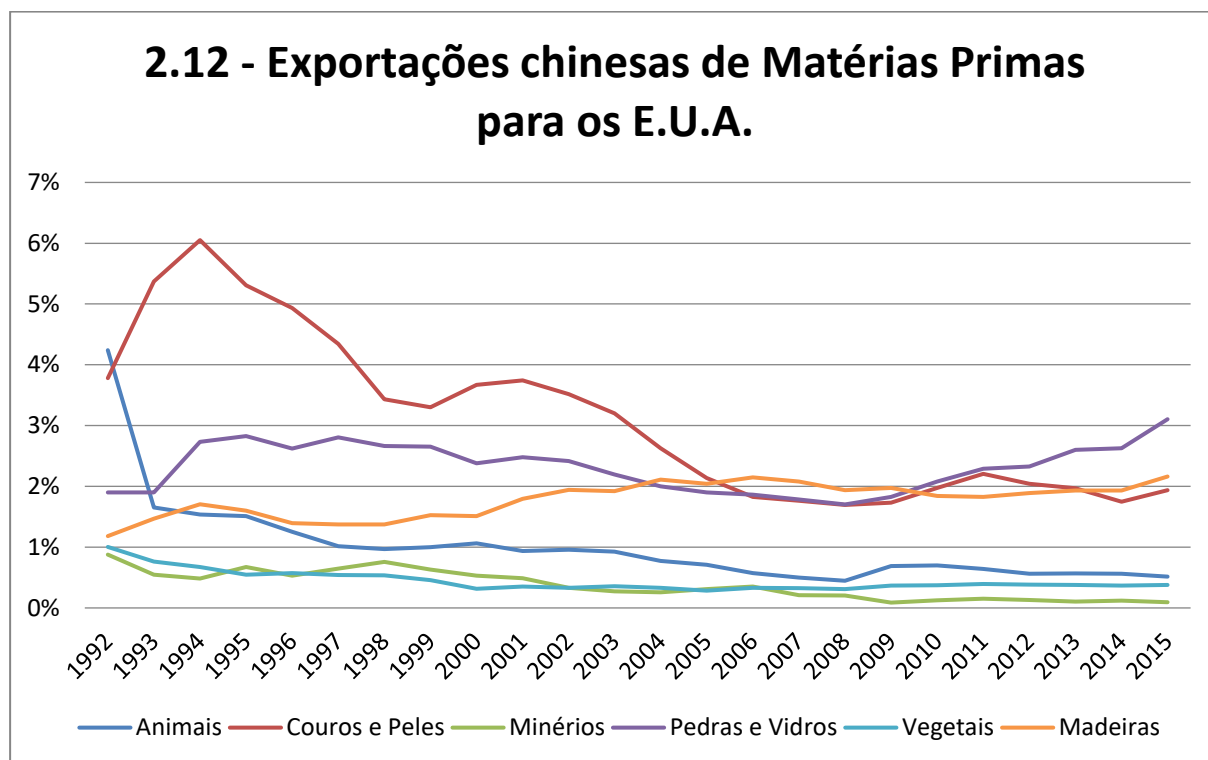
Como é possível ver no gráfico, as proporções de exportações de bens intermediários se mantiveram praticamente constantes para quase todos os componentes, sendo a única exceção a exportação de metais no período de 2006 a 2008.

Nesse período, a proporção apresenta um pequeno aumento, saindo de um nível pouco maior que 6% para 8% das exportações totais. Isso ocorre devido, provavelmente, ao cenário favorável econômico mundial, no qual os preços das commodities estava em alta, em especial os preços do aço.

Esse comportamento estático da proporção das exportações de bens intermediários se deve, não à estagnação desse tipo de indústria, mas ao suprimento da crescente demanda interna por esses tipos de bens, resultado do crescimento da indústria chinesa nas décadas de 1990 e 2000. Provavelmente, se não tivesse ocorrido esse crescimento, as indústrias de bens intermediários não iriam se desenvolver em um ritmo tão acelerado.

Vale a pena mencionar, também, o caso dos combustíveis, que apresentam uma queda drástica no início da década de 1990 e uma outra de menor intensidade ao longo da mesma década.

Seguimos para a indústria de matérias primas, que quase não sofreu grandes variações ao longo do tempo.



Fonte – WITS – World Integrated Trade Solution

A composição da proporção da exportação de matérias primas apresenta quatro produtos com alguma variação significativa ao longo do tempo: couros e peles, pedras e vidros, madeiras e animais (vivos e carnes pré-abatidas).

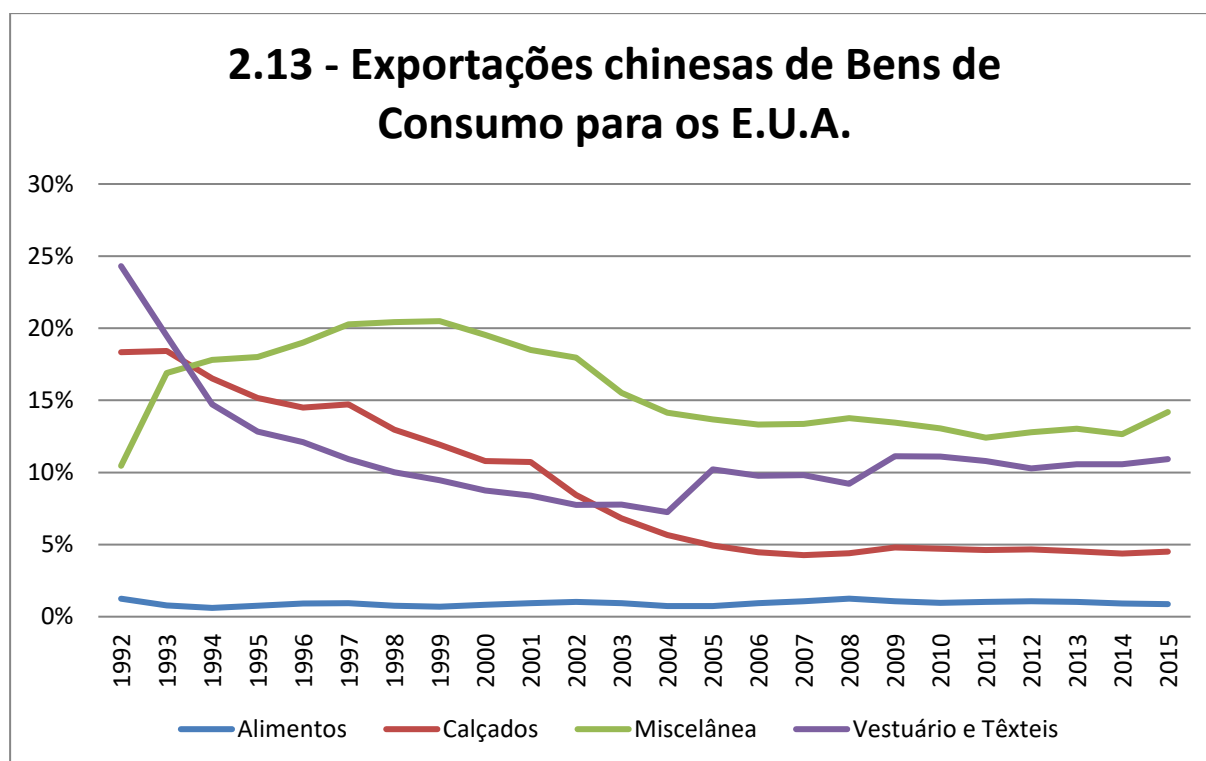
O caso de animais apresenta uma grande queda no início da década de 1990 e uma subsequente queda tendencial a partir de 1993. Esse movimento é facilmente explicado pela utilização desse produto na importante indústria alimentícia chinesa, pela substituição da produção desse produto por outros de maior eficiência, uma vez que a criação de animais é menos eficiente, em termos de produção de calorias, que a produção de alguns tipos de grãos e vegetais e pelo baixo preço relativo desse tipo de produto no mercado internacional, promovendo a importação ao invés da produção interna.

O caso de couros e peles, o mais significativo para explicar as alterações no agregado de matérias primas, apresenta forte queda ao longo das décadas de 1990 e 2000 se estabilizando a partir de 2005. A razão mais simples para tal ocorrência, é a utilização dessa matéria prima na indústria de vestuário e calçados nacional, de forma que esse tipo de indústria sofreu expansão na década de 1990, aproveitando a mão de obra barata chinesa. Esse componente é o principal fator para explicar a queda da proporção do agregado de matérias primas ao longo da década de 1990.

Madeiras e pedras e vidros são casos atípicos, uma vez que apresentam tendência de aumento na década de 2010. A proporção de exportação de madeiras expõe leve crescimento na década de 1990, se estabilizando então, até o ano de 2015, no qual anuncia possível tendência de crescimento. Por outro lado, com relação à proporção de pedras e vidros, tem um bom aumento no ano de 1993 seguido de queda lenta até o final da década de 2000, a partir da qual passa a crescer, em ritmo mais acelerado que madeiras, e apresentar clara tendência de crescimento.

Quando tentamos encontrar alguma relação com investimento direto estrangeiro, assim como foi dito na análise das importações, provavelmente, não podemos inferir que ele tenha tido influência significativa sobre a produção de matérias primas, uma vez que esse tipo de produção apresenta baixos retornos, em média, e depende muito da dotação de fatores naturais e geográficos do local de produção.

Detalhando, em seguida, um dos dois casos de maior interesse, abriremos a composição das exportações dos bens de consumo.



Fonte – WITS – World Integrated Trade Solution

O gráfico nos mostra dois movimentos esperados e um terceiro inesperado.

A parte esperada está relacionada à proporção de componentes mão de obra intensivos: calçados, têxteis e vestuário. A proporção de calçados apresenta forte queda até a metade da década de 2000, saindo de valores acima de 15% para pouco menos de 5% ao se estabilizar. Foi o principal responsável pela queda da proporção do agregado de bens de consumo. Já a proporção de têxteis e vestuário, apresenta queda forte no início da década de 1990, sendo amenizada ao longo da mesma, chegando em seu mínimo no ano de 2004, a partir do qual se recupera. Após o ano de 2009 a proporção de têxteis e vestuário se estabiliza em um nível um pouco maior que 10%.

Essas quedas ao longo da década de 1990 eram esperadas, na medida que esse tipo de indústria se torna cada vez mais ineficiente (apresenta retornos cada vez menores) ao longo dessa década. Essa ineficiência se deve principalmente ao aumento da renda média per capita da China.

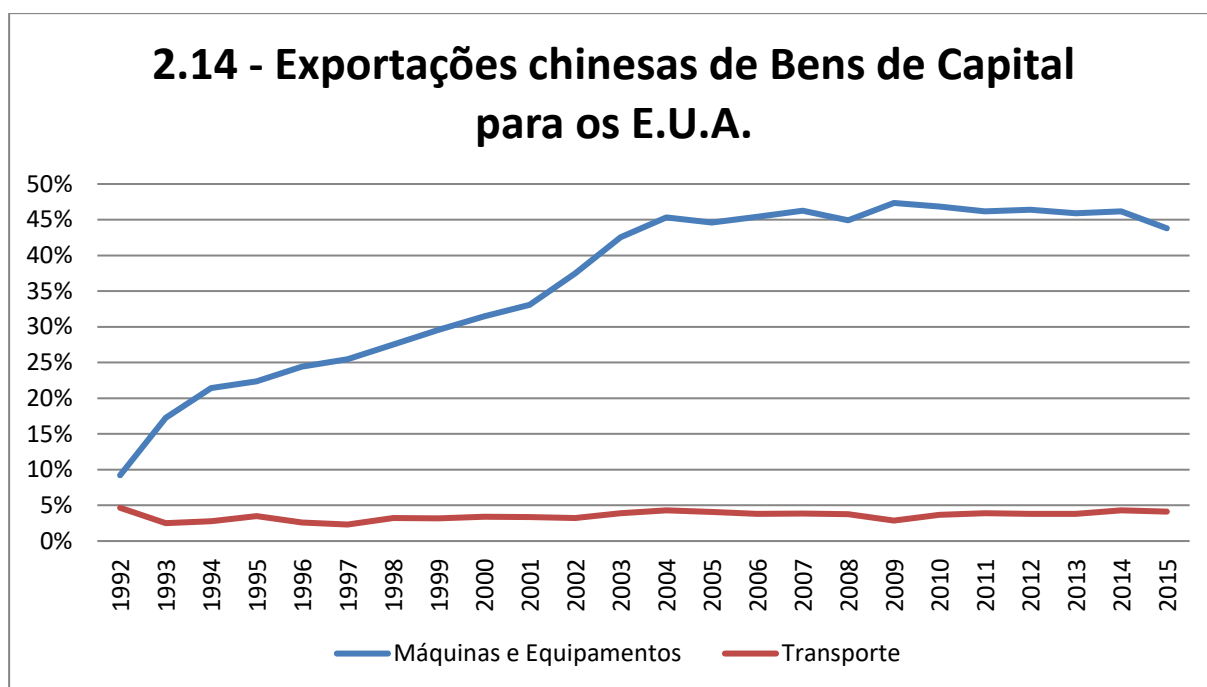
Como vimos no gráfico anterior, a renda per capita chinesa mais do que duplicou em um período de 10 anos. Esse aumento foi significativo para a perda de competitividade da

mão de obra chinesa não qualificada. Dessa forma as indústrias mão de obra intensivas se deslocaram para outros países, por exemplo a indústria de calçados no Vietnã.

O caso da proporção referente a miscelâneas representa o movimento inesperado, ela apresenta crescimento ao longo da década de 1990. Tal crescimento não reverte a queda da proporção do agregado de bens de consumo, somente a ameniza. Podemos encontrar diversos argumentos para tentar explicar esse crescimento, um deles apresenta a produção de miscelâneas sendo mais rentável do que a produção de têxteis, vestuário e calçados, de forma que o aumento da renda per capita não afetou muito essa rentabilidade. Dessa maneira as unidades produtivas, que antes produziam têxteis, vestuário e calçados foram convertidas para a produção de miscelânea. Outro argumento está relacionado com o investimento direto estrangeiro. Ao ver que o grande aumento do preço da mão de obra chinesa continuaria, os investidores estrangeiros mudaram sua produção a fim de extrair o máximo de lucratividade de seus empreendimentos enquanto ainda era possível obter vantagem dos preços da mão de obra chinesa.

Ambos os argumentos indicam uma mudança no tipo de bens produzido, dada a capacidade instalada. Isso pode explicar o porquê do aumento da proporção de têxteis e vestuário no momento de queda da proporção de miscelâneas. Ao considerarmos essa hipótese válida, podemos concluir que a queda da proporção de calçados foi, de fato, o fator mais importante para a queda na proporção do agregado.

Por fim o detalhamento do outro caso de grande interesse, os bens de capital.



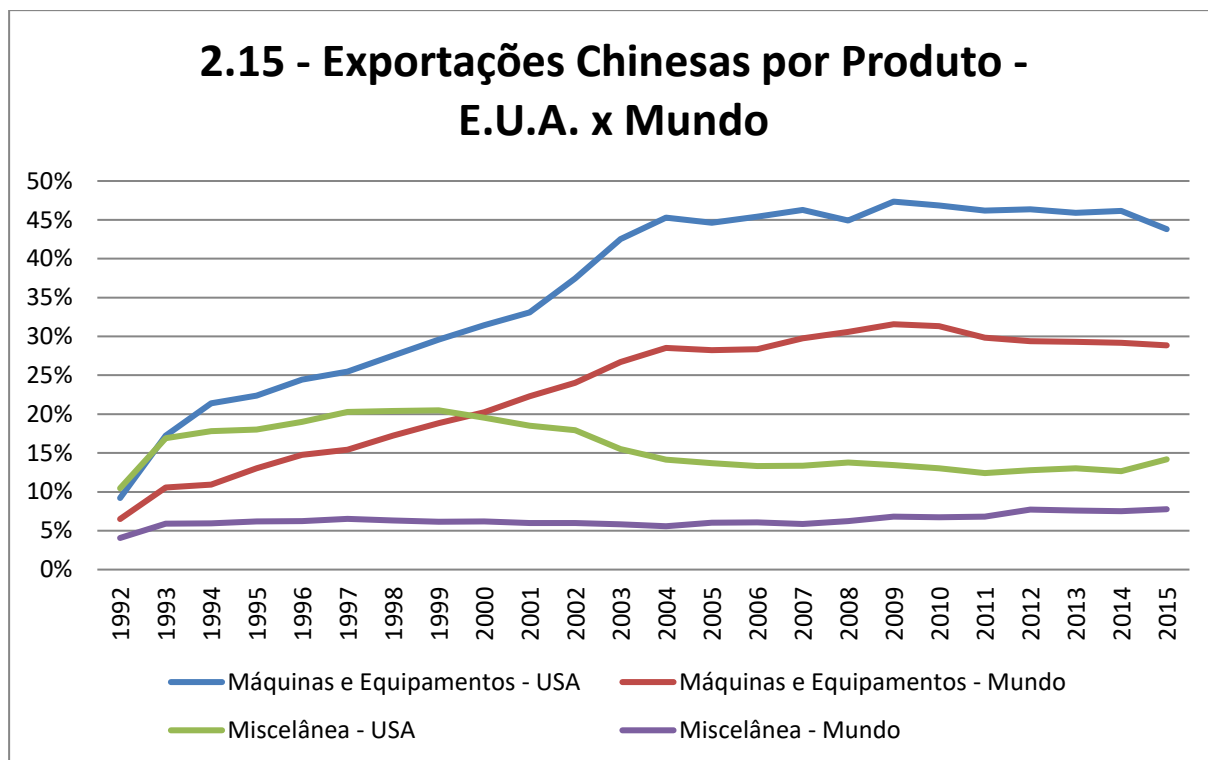
Fonte – WITS – World Integrated Trade Solution

É clara a importância de máquinas e equipamentos na composição de exportações de bens de capital. A proporção de bens de transporte se mantém estável durante todo o tempo desde o início da década de 1990.

A proporção de máquinas e equipamentos apresenta um forte crescimento ao longo da década de 1990, crescendo de menos de 10% para mais de 45% do valor exportado total para os EUA. Dessa forma podemos confirmar que de fato a China passou rapidamente pela transição de um país produtor de bens de baixo valor agregado para um país produtos de bens de alto valor agregado.

Essa evolução da proporção de máquinas e equipamentos é o maior indicio que temos da influência do investimento direto estrangeiro nas relações de trocas entre os países. No caso, o investimento direto americano na China, possivelmente influenciou no desenvolvimento industrial chinês que afetou indiretamente, de forma substancial, a composição das exportações chinesas para os Estados Unidos.

Para podermos observar melhor a possível influência do investimento direto americano no comercio EUA-China, vamos comparar as exportações para os EUA com as exportações com o restante do mundo para os produtos de maior importância: máquinas e equipamentos, miscelânea e vestuário e têxteis.



Fonte – WITS – World Integrated Trade Solution

O gráfico nos mostra duas discrepâncias dos EUA com relação ao resto do mundo. A primeira se refere a proporção de máquinas e equipamentos, mesmo que ambas as curvas possuam o mesmo movimento, a proporção de máquinas e equipamentos dos EUA está em um nível 20% superior à proporção referente ao resto do mundo.

A segunda se refere a proporção de miscelânea, que com relação ao mundo apresenta um pequeno crescimento, mas com relação aos Estados Unidos ela explode ao longo da década de 1990 se reduz a partir do início da década de 2000.

O grupo das miscelâneas é composto por bens de consumo que não sejam roupas ou alimentos, ou seja, estão incluídos quaisquer bens feitos de plásticos e madeiras, como brinquedos, móveis e utensílios domésticos, bens eletrônicos, como celulares, televisores e computadores e bens duráveis como automóveis e motocicletas.

Vale ressaltar que além desses dois tipos de bens temos outros tipos que também possuem alguma discrepância, como calçados, vestuário e têxteis e produtos químicos. Contudo as proporções desses bens em relação ao total é baixa, logo não são relevantes na mesma medida que quanto máquinas e equipamentos e miscelânea, justificando suas ausências.

Ambas as diferenças ajudam a sustentar a hipótese de que o investimento direto americano influencia o comércio entre China e EUA. A primeira nos ajuda a argumentar a influência do investimento direto no desenvolvimento industrial chinês, passando de bens de consumo para bens de capital, e por consequência no comércio, sendo a proporção americana superior a do resto do mundo. A segunda proporciona a evidência do investimento direto americano influenciando diretamente o comércio, uma vez que os Estados Unidos passaram a importar bens de consumo chineses provenientes de suas próprias fábricas instaladas na China.

Embora os dados de comércio sejam muito importantes para explicar a transição da indústria chinesa e a relação China-EUA, temos também que observar outros tipos de dados.

Para tentar justificar as mudanças nas proporções de exportação da China para os EUA irei utilizar também dados de vantagem comparativa revelada.

Vantagens comparativas reveladas são índices que medem o nível de especialização do comércio internacional de um país relativo ao mundo ou subdivisões do mundo. Esse índice é calculado através da fórmula:

$$IVCR_j = (X_{ij} / X_i) / (X_{wj}/X_w)$$

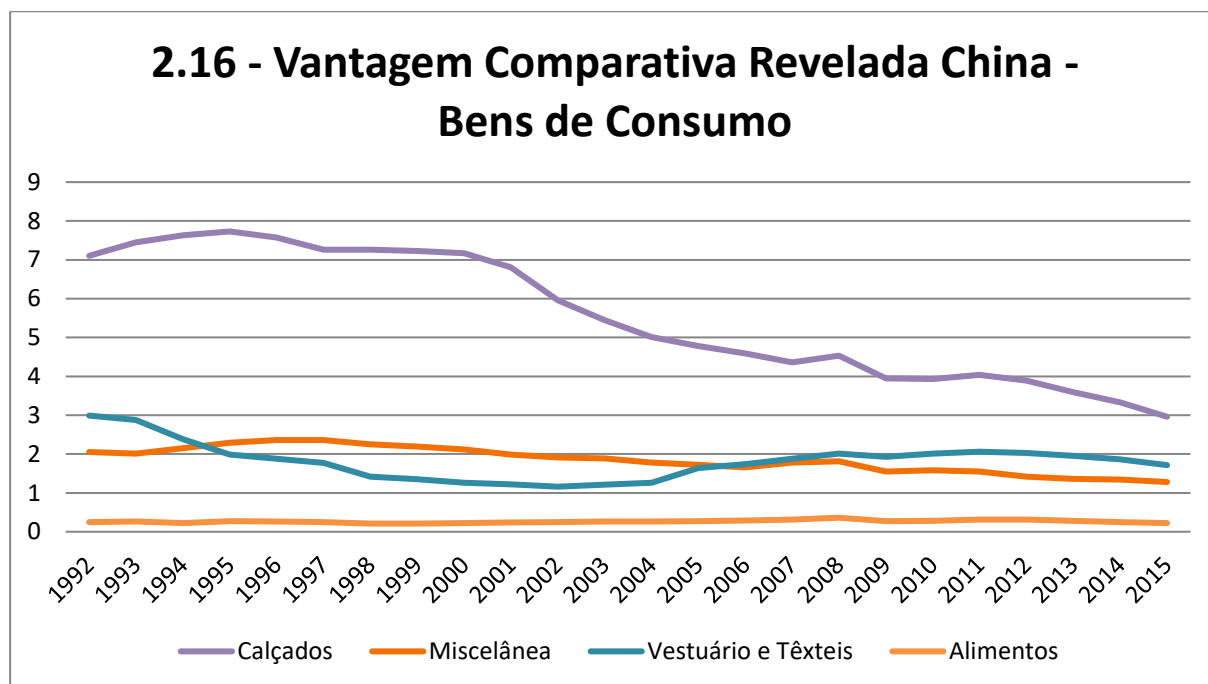
Onde, X_{ij} é o valor das exportações do país i do produto j , X_i o valor total das exportações do país i , X_{wj} o valor total das exportações da economia w do produto j e X_w o valor total das exportações da economia w , sendo uma economia w a subdivisão do mundo que se quer utilizar.

Para um valor do índice acima de 1, dizemos que o país possui vantagem comparativa revelada para as exportações do produto escolhido, para valores abaixo de 1 dizemos que o país possui desvantagem comparativa revelada para as exportações do produto escolhido.

No caso o mundo se resume aos Estados Unidos, dessa forma, no gráfico a seguir, valores maiores que 1 significam que a China possui maior vantagem comparativa revelada na produção de um certo produto que os Estados Unidos.

Assim como os dados de comércio iremos abrir as vantagens comparativas reveladas por tipo de bem, sendo que serão analisados somente os bens de consumo de bens de capital.

Primeiro os bens de consumo, que apresentaram grande variação ao longo da década de 2000, com uma grande queda na proporção agregada.

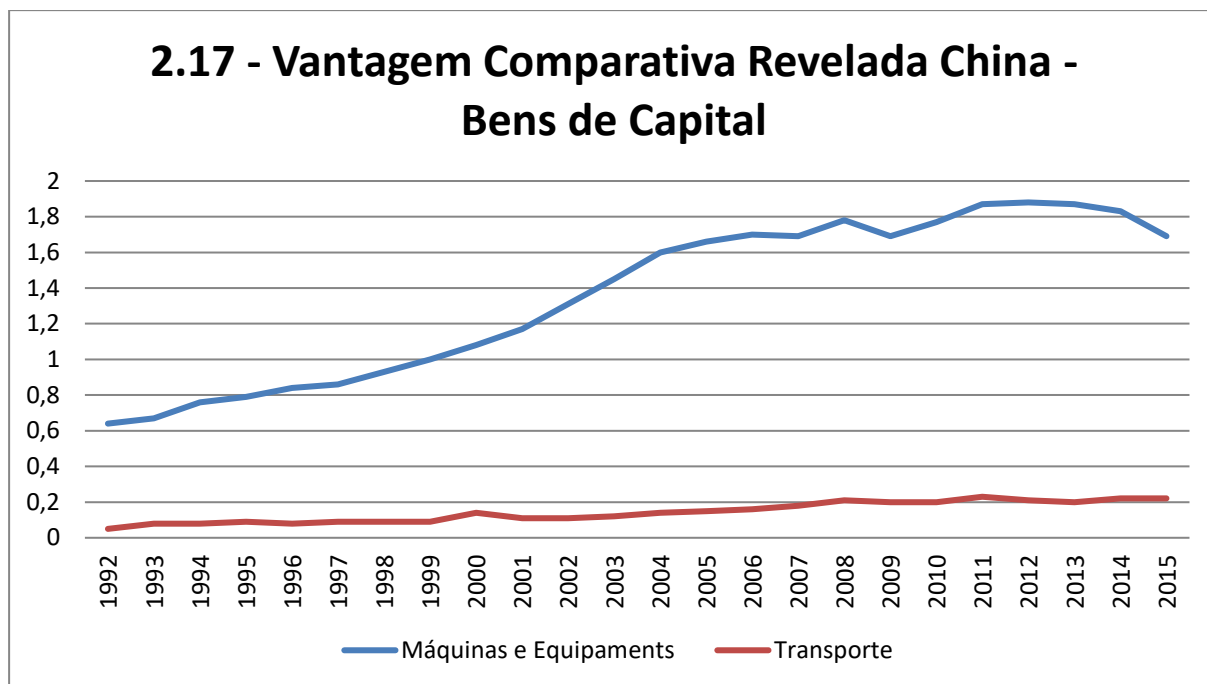


Fonte – WITS – World Integrated Trade Solution

A vantagem comparativa revelada dos bens de consumo, à primeira vista é coerente com as proporções de exportações chinesas para os EUA dos mesmos bens. Contudo um olhar mais atento mostra uma grave discrepância.

A vantagem comparativa revelada de miscelânea não consegue sozinha justificar o grande aumento da proporção de exportação de miscelânea no início da década de 1990. Se o pequeno aumento da vantagem comparativa revelada no início da década de 1990 explicasse o grande aumento da proporção de exportação, a sua queda constante ao longo das décadas de 2000 e 2010 teriam de causar uma queda muito maior da proporção de exportação que a ocorrida.

A seguir o gráfico da vantagem comparativa revelada dos bens de capital, que apresentaram um enorme aumento de suas proporções de exportações ao longo da década de 2000.



Fonte – WITS – World Integrated Trade Solution

Assim como visto no caso de bens de consumo, a vantagem comparativa revelada dos bens de capital nos induz ao erro.

A vantagem de máquinas e equipamentos está de acordo com o crescimento da proporção de exportação respectiva, contudo quando comparamos seu valor com, por exemplo, calçados vemos uma grande diferença. A vantagem comparativa de calçados era superior a 7 ao longo da década de 1990 e sua proporção de exportação estava caindo rapidamente, nunca superando os 20% no mesmo período, por outro lado temos a vantagem comparativa de máquinas e equipamentos que após 2004 assume valores maiores que 1,6, porém sua respectiva proporção de exportação supera os 45% a partir de 2004.

Dessa forma atribuir todo o crescimento da proporção de exportação de máquina e equipamentos ao crescimento de sua vantagem comparativa revelada é incompatível.

3 - O investimento direto americano e a China

Com a reabertura do mercado chinês no início da década de 1990, empresas americanas viram uma grande oportunidade de expansão de suas produções e um emergente mercado consumidor. No início, o investimento direto se concentrou em indústrias mão de obra intensivas, dada a baixa qualificação de mão de obra chinesa.

Após os altos investimentos em educação e políticas estatais que promoveram uma melhora da qualidade da mão de obra, junto de uma expansão da infraestrutura e o desenvolvimento tecnológico realizados ao longo da década de 1990 e início da década de 2000, o investimento direto na China se diversificou, introduzindo uma produção nacional de bens mais sofisticados e com maior valor agregado.

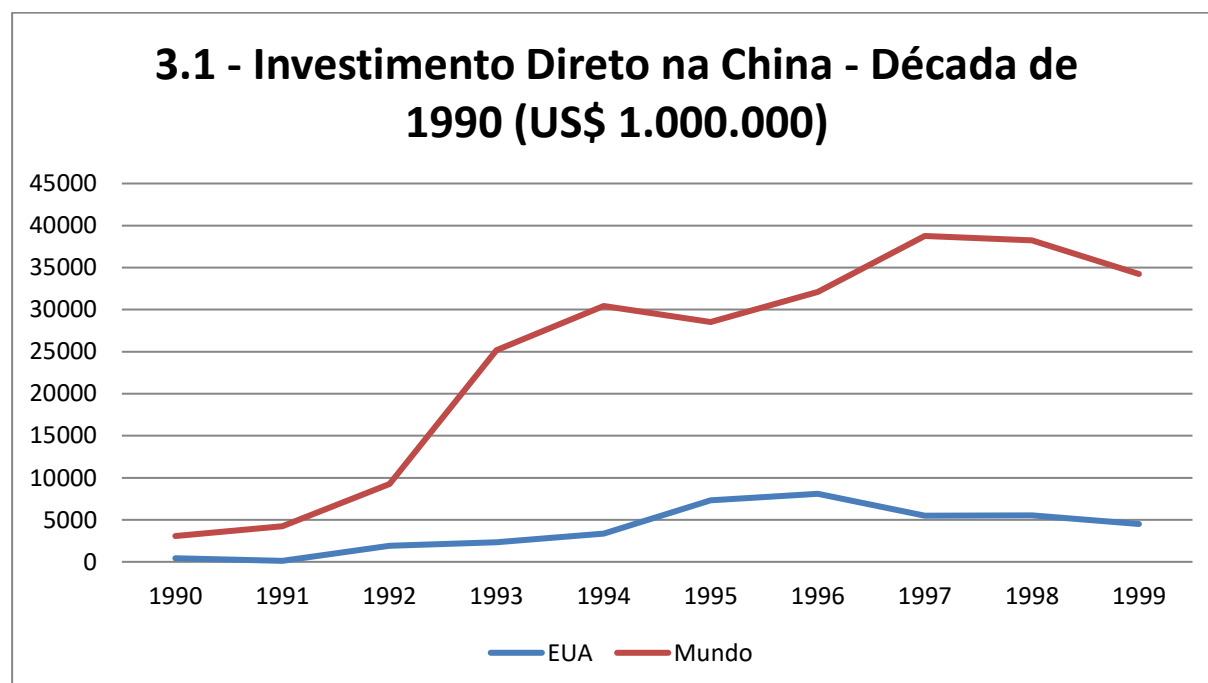
Quando falamos de investimento direto estamos falando do agregado do investimento direto sendo ele composto pelo investimento direto do tipo aquisição e do tipo greenfield. O tipo aquisição é definido pela compra total ou de partes de empresas estrangeiras, ou seja, o investidor compra a operação já pronta sem a necessidade do desenvolvimento de novas plantas de produção ou expansão. Por outro lado, o tipo greenfield, predominante no caso do investimento direto americano na China, é o investimento necessário para a expansão de produção, empresas americanas criaram plantas de produção na China, gerando empregos e por consequência promovendo a geração de riqueza no país alvo. Ao longo desse capítulo, será considerado somente o investimento do tipo greenfield, dado que ele, como já foi dito, foi predominante no caso americano e foi o principal responsável pela evolução da produção industrial chinesa.

Além de segregarmos os tipos de investimento direto temos também de definir dois conceitos importantes: o tempo de maturação de um investimento e o tempo de influência de uma produção. O tempo de maturação de investimento direto é o tempo entre a projeção e construção do empreendimento e a geração de lucros. No caso presente é o tempo que uma empresa americana leva para construir suas fábricas e gerar lucros. Para definirmos o tempo médio de maturação do investimento direto americano na China temos de observar diversos fatores como o alto crescimento econômico, o crescimento da renda per capita e os incentivos estatais. Nesta monografia iremos estipular o tempo de maturação para investimentos na China como sendo o tempo entre a realização do investimento e seu reflexo nas exportações.

O tempo de influência de uma produção se inicia no momento que um tipo de produção passa a ser o foco de uma economia ou das relações de troca de uma economia até o momento em que esse mesmo tipo entra em decadência, desconsiderando eventuais quedas por motivos conjunturais. No caso chinês o tempo de influência se refere à substituição da maior parte das exportações chinesas para os EUA de um tipo de produção para outro, nesse caso a substituição da produção de bens de consumo para a de bens de capital.

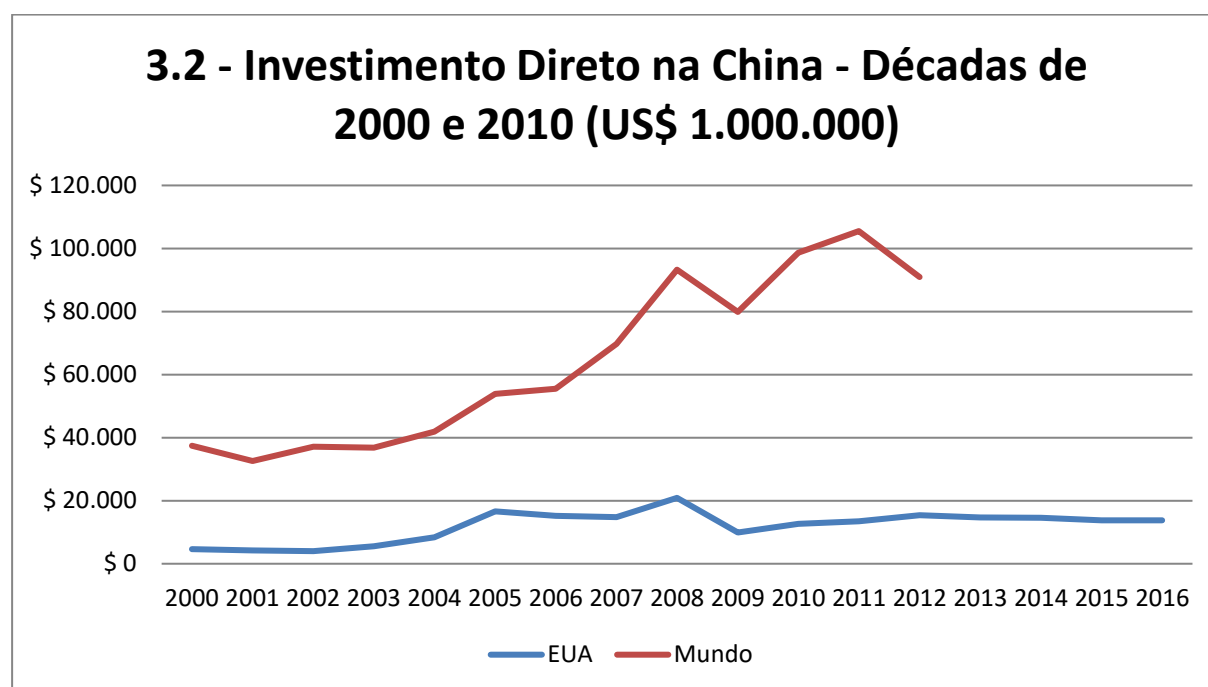
O tempo de influência está diretamente relacionado com a expansão do investimento direto em uma economia, dado que ele é o principal promotor da expansão da produção na China. Esse instrumento, entretanto, será mais explorado no capítulo seguinte quando formos comparar as movimentações do investimento direto e do comércio entre China e Estados Unidos.

Podemos dividir o investimento direto americano ao longo do tempo em três períodos distintos: as décadas de 1990, 2000 e 2010. Durante a década de 1990 o investimento direto americano chegou a representar mais de 20% do total do investimento direto na China, dessa forma podemos dizer que, durante esse período ele possuiu maior influência sobre a produção chinesa, lembrando que a década de 1990 foi de renovação industrial chinesa.



Fonte – The US-China FDI Project/ UNCTAD

As décadas de 2000 e 2010 apresentam diferenças mais sutis. Com o grande aumento do investimento direto na China por todos os países, a proporção ocupada pelos EUA se reduziu, tendo como consequência a perda do destaque presente na década de 1990. A década de 2000 possui como característica o grande aumento do volume de dólares investidos na China, assim como a maior diversidade dos setores investidos. Por outro lado, a década de 2010 temos uma redução no investimento direto produtivo e um aumento no investimento direto de serviços, dessa forma o investimento direto americano passa a ter uma maior influência indireta sobre a produção, diferente do ocorrido em 1990.



Fonte – The US-China FDI Project/ UNCAD

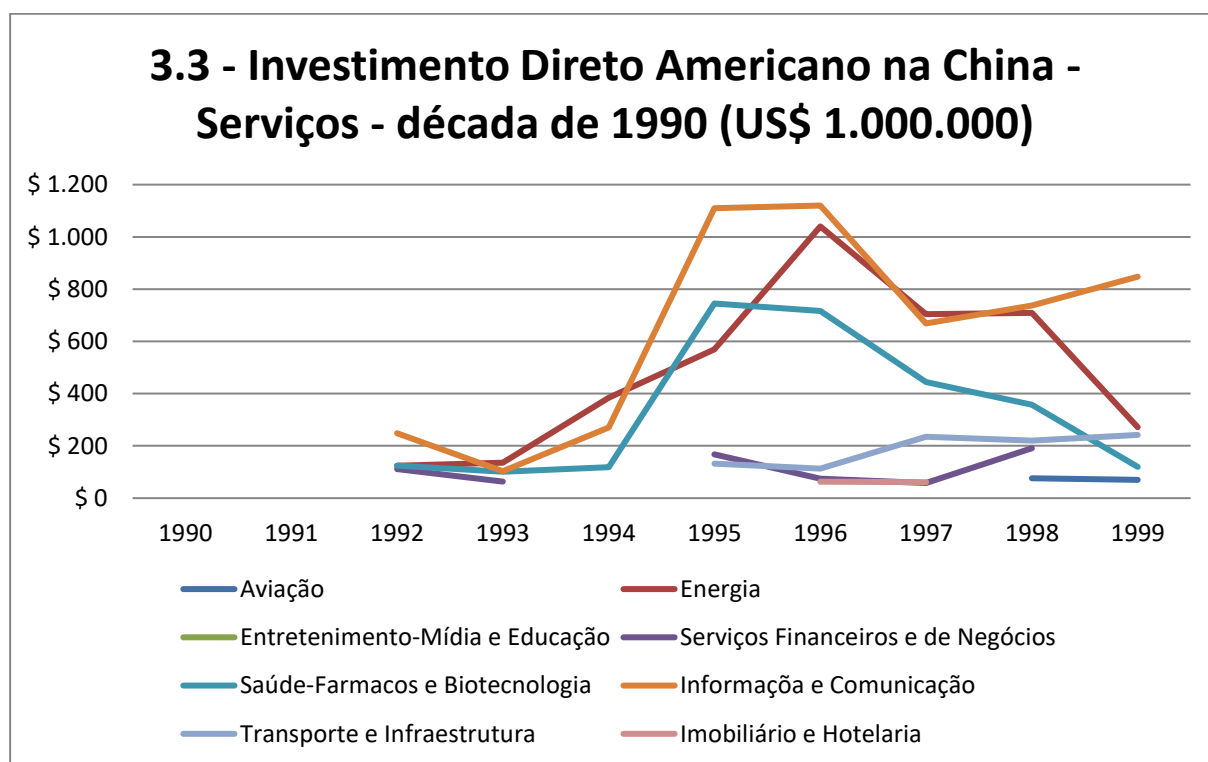
Como foi dito nos capítulos anteriores, a hipótese desta monografia é de que o investimento direto americano na China influenciou de alguma forma o comércio China-EUA. Neste capítulo iremos observar as variações do investimento direto americano e a possibilidade de elas terem influenciado a produção chinesa que, por consequência, influenciou o comércio entre os dois países.

Como maior parte do investimento direto americano se deu na forma greenfield é fácil ver que a transferência das plantas de produção dos EUA para a China resultou em uma maior exportação chinesa para os EUA. Entretanto esse fato não consegue explicar o porquê de grande superávit comercial, ou seja, ele não explica a transição da produção chinesa de bens de consumo de baixo valor agregado para uma indústria de bens de capital que gerou

esse superávit chinês. Ao observarmos o investimento direto americano teremos uma melhor ideia de como e se ele proporcionou a transição de produção chinesa.

Para podermos diferenciar os efeitos dos diferentes investimentos diretos iremos dividi-los em dois tipos diferentes, os investimentos em produção e os investimentos em serviços. Os investimentos em produção influenciam diretamente a indústria, proporcionando movimentos de reestruturação e de crescimento de produção, por outro lado os investimentos em serviços possuem efeitos indiretos sobre a produção, como por exemplo, uma melhor qualificação da mão de obra.

Como o investimento direto em serviços é constituído de investimentos em setores que são pré-requisitos para o desenvolvimento de alguns setores produtivos, iremos detalhá-lo primeiro. Iremos também dividi-lo entre a década de 1990 e as décadas de 2000 e 2010, devido à grande diferença de escala.



Fonte – The US-China FDI Project

Como podemos ver no gráfico acima, ao longo da década de 1990 os investimentos em informação e comunicação, saúde (hospitais e clínicas), fármacos (distribuição e produção de medicamentos) e biotecnologia e energia representam a maior parte dos investimentos em serviços.

Os investimentos em energia se concentraram na produção e refino de combustíveis fósseis assim como seu uso para geração de energia, logo esses investimentos foram responsáveis pelo aumento da produção de energia chinesa na década de 2000.

O fornecimento de energia sempre foi um pré-requisito importante para instalações industriais e expansão urbana de qualquer país. O investimento em energia realizado durante a década de 1990 foi o responsável por permitir a instalação de indústrias capital intensivas (por dependerem de uma maior quantidade capital esse tipo de indústria demanda uma quantidade de energia muito maior que as indústrias mão de obra intensivas, presentes na China na década de 1990) e a expansão de urbanização chinesa ao longo da década de 2000, sendo ela um grande problema social chinês.

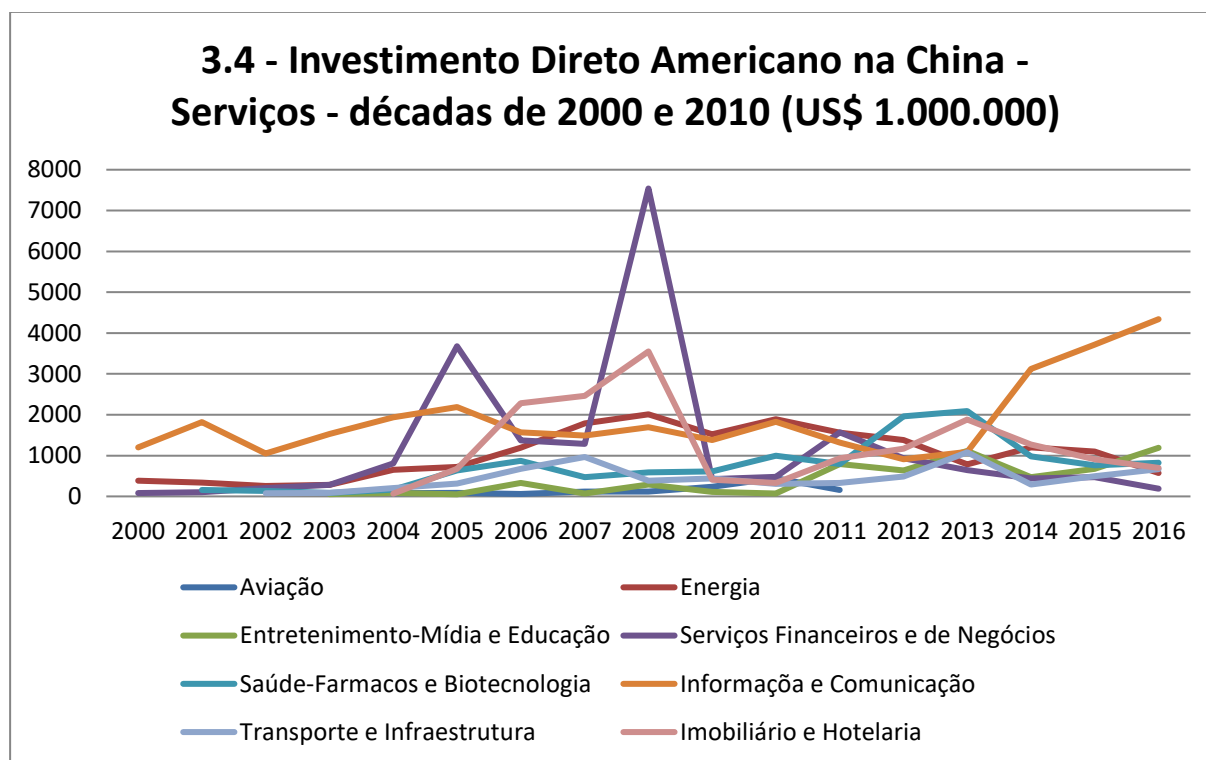
Dado que a qualidade de vida nas cidades chinesas é muito superior à da vida no campo, grandes êxodos para as cidades começaram a ocorrer após a década de 1980 o que resultou na necessidade de controles migratórios nacionais. Com a maior oferta de energia, a quantidade de população urbana sustentável aumenta, dessa forma temos um efeito indireto sobre a produção chinesa. Com uma maior população urbana temos melhor educação e saúde, dessa forma temos um aumento da quantidade de mão de obra qualificada e maior produtividade média da mão de obra.

O caso de saúde, fármacos e biotecnologia durante a década de 1990 se concentra nos investimentos em saúde. A China, no início da década, possuía serviços de saúde precários o que resultou em altas taxas de mortalidade, doenças e invalidez. Com o investimento em saúde temos uma melhora desses serviços e como consequência uma melhora de produtividade da mão de obra e uma preservação de mesma, assim como o aumento da expectativa de vida chinesa.

Por fim temos os investimentos em informação e comunicação. Esses setores são considerados, hoje um pré-requisito para diversas indústrias, principalmente com o desenvolvimento do varejo digital e de serviços on-line. Durante a década de 1990 esses investimentos se concentraram na expansão de meios de comunicação via rádio e o desenvolvimento inicial de uma rede de cabos de internet.

Os investimentos em informação e comunicação da década de 1990, não foram essenciais para a transição industrial chinesa, mas contribuíram para uma transição mais rápida ao longo da década de 2000.

Com relação aos investimentos em serviços, a década de 1990 apresenta a expansão de um dos principais fatores necessários para a transição industrial chinesa da década de 2000, na forma do aumento de produção de energia. Outros dois fatores relevante nessa década, contribuíram principalmente para uma melhora da produtividade da mão de obra, o que promove uma maior atratividade para o investimento direto estrangeiro.



Fonte – The US-China FDI Project

Durante as décadas de 2000 e 2010 se destacam os investimentos em informação e comunicação, energia, serviços financeiros e imobiliário e hotelaria.

Diferentemente do investimento em energia na década de 1990, o investimento nas décadas de 2000 e 2010 se concentram em energias renováveis e energias limpas. Esses investimentos estão começando a dar algum reflexo na produção. Com a utilização de créditos de carbono, barateamento da energia e marketing, a produção chinesa ganha competitividade hoje, contudo substituir a matriz de energia fóssil por uma matriz limpa provavelmente, no futuro, garantirá um grande ganho de competitividade para a indústria chinesa.

Os investimentos em informação em comunicação, agora, são focados na área digital. Esses investimentos permitem uma maior geração de conhecimento, principalmente no

ambiente universitário assim como permitem o desenvolvimento da indústria de softwares e computação. Esses novos setores industriais são importantes para a constante renovação industrial (modernização e maior produtividade) e ganho tecnológico (por estarem na fronteira tecnológica).

Durante a década de 2000 o setor de informações e comunicação se tornou um pré-requisito para as indústrias de alta tecnologia e de produtos mais sofisticados (caso da indústria máquinas e equipamentos), dessa forma o investimento americano no setor proporcionou a China uma maior facilidade de gerar indústrias de alta tecnologia no país.

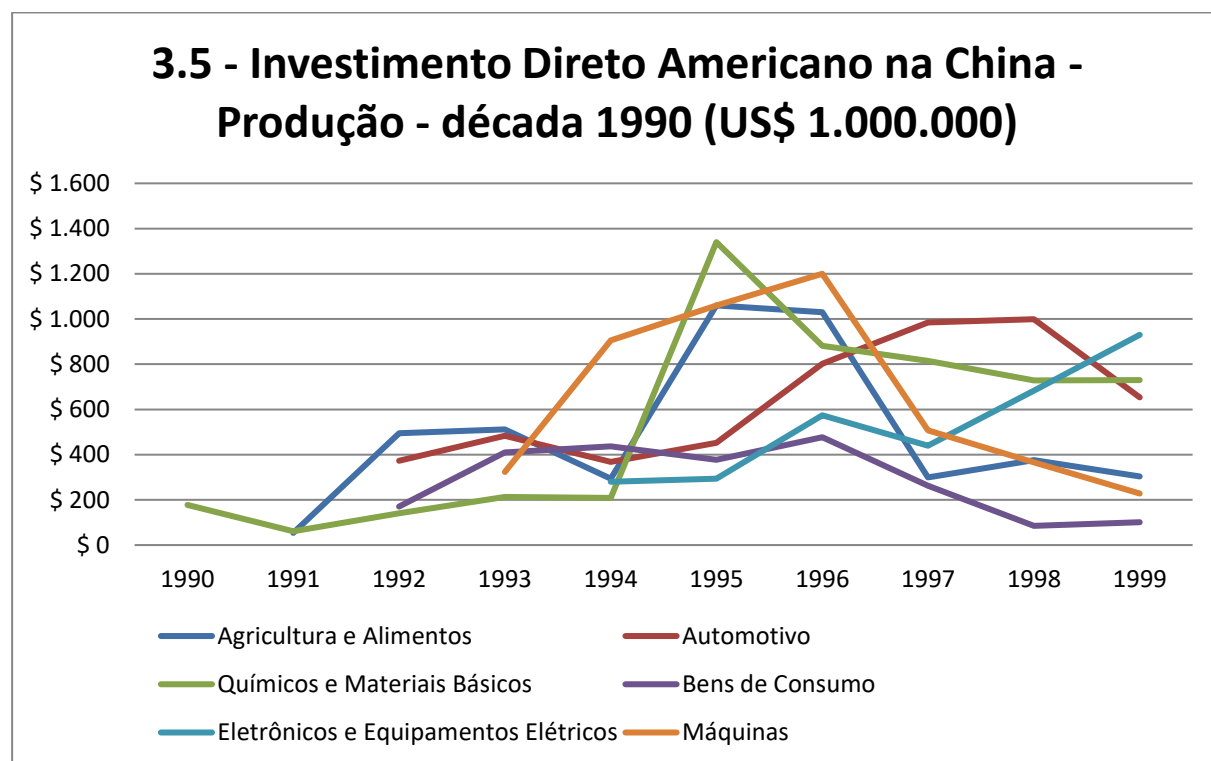
O setor financeiro é um caso muito específico, devido a sua aplicação somente em uma situação de crise financeira nos Estados Unidos. Esse investimento se deu como forma de diminuir os efeitos da crise de 2008, de forma que americanos investem no setor financeiro chinês dado que o setor financeiro americano e europeu estão em uma profunda crise.

Esses investimentos nos setores financeiro e de negócios não é muito relevante para a produção chinesa, uma vez que grande parte do capital chinês está em bancos estatais e o setor, na China, é muito controlado. Dessa forma ele não se torna relevante para o comércio China-EUA apesar de ter sido substancial em um curto período de tempo.

Os setores imobiliário e de hotelaria se assemelham aos setores financeiro e de negócios. Pela terra ser um ativo que perde pouco valor durante momentos de crises financeiras (apesar da crise americana afetar os preços de propriedades nos EUA este efeito não foi transmitido para a China) bancos e cidadãos americanos compraram terras na China, da mesma forma que o caso anterior esses investimentos não afetam a produção chinesa ou as relações comerciais entre os dois países.

De forma geral os efeitos indiretos dos investimentos diretos americanos na China ao longo das décadas de 2000 e 2010 apresentam pouco efeito sobre a produção chinesa. Existe um efeito sobre a produtividade do trabalhador assim como uma maior produção intelectual e os investimentos em energia proporcionam pouco ganho de competitividade para as indústrias do país.

Finalizadas as análises dos investimentos em serviços, podemos observar os investimentos americanos em produção. Da mesma forma que realizado anteriormente, iremos dividir os investimentos em década de 1990 e décadas de 2000 e 2010.



Fonte – The US-China FDI Project

A década de 1990 foi o período que definiu o futuro da produção chinesa. Nessa década a China se abriu de fato e passou a ser um membro de diversas instituições internacionais, incluindo a OMC.

Podemos facilmente ver no gráfico que dois períodos distintos do investimento direto americano. O primeiro se inicia em 1993 e termina em 1997, no qual temos a predominância de químicos e materiais básicos, máquinas e agricultura e alimentos e o segundo de 1997 a 1999 no qual temos a ascensão da indústria automotiva e de bens eletrônicos e equipamentos elétricos e a queda das demais.

Os investimentos em produtos químicos e materiais básicos (materiais intermediários como metais, cimento, plásticos, etc) apresentam uma parcela considerável do investimento devido ao aumento da demanda interna por esses produtos. As indústrias de bens de consumo chinesas estavam sem nenhuma capacidade ociosa e demandavam cada vez mais plásticos, metais e outros bens intermediários, dessa forma a indústria de químicos e materiais básicos

se tornou atrativa para o investidor estrangeiro (por mais que os retornos sejam baixos, a demanda compensava a falta de competitividade). Outro setor que justifica esse aumento do investimento é o setor imobiliário chinês em ascensão. Devido ao aumento das taxas de urbanização e o aumento salarial, o setor imobiliário chinês se aqueceu e passou a demandar mais materiais básicos.

Como consequência do aumento de produção de materiais básicos e químicos podemos citar o aumento de competitividade de quaisquer indústrias que os utilizem, dado que a China dispõe de uma produção interna reduzindo suas importações, inclusive dos Estados Unidos.

Assim como o caso de químicos e materiais básicos, os investimentos em agricultura e alimentos se deram devido à demanda crescente chinesa para esse tipo de produto. O aumento da renda média chinesa garantiu o aumento do mercado consumidor e a ineficiência da produção agrícola chinesa junto de incentivos governamentais criaram uma oportunidade para o investidor estrangeiro, produzir alimentos na China a custos baixos.

Apesar de apresentar baixos retornos, o investimento em agricultura na China foi substancial durante a década de 1990. Esse investimento proporcionou dois benefícios aos demais setores e ao comércio chinês. O primeiro se refere ao aumento da produtividade da mão de obra chinesa: uma boa alimentação proporciona um grande salto da produtividade do trabalhador. Isso é realçado pela péssima qualidade alimentar chinesa anterior a década de 1990 (ocorrendo sucessivas más colheitas). O segundo está na diminuição da importação de alimentos chinesa.

O investimento em máquinas foi o principal fator para a mudança na estrutura industrial chinesa. Esse investimento promoveu um grande aumento na produção de bens de capital e iniciou o processo de substituição de um parque industrial focado na produção de bens de consumo para um focado na produção de bens de capital.

Dado o tempo de maturação definido, os investimentos no setor de máquinas começaram a dar frutos ao final da década de 1990 se alongando até a metade da década de 2000. Esse período corresponde ao início da influência de bens de capital nas relações comerciais chinesas. Podemos ainda dizer que esse investimento definiu a produção chinesa da década seguinte.

Seguindo para o caso de bens automotivos, temos um grande crescimento ao final da década de 1990. Esse investimento proporcionou um aumento da produção de bens de consumo com maior valor agregado, contudo não possuiu algum efeito sobre as exportações chinesas para os EUA. Isso se deve a dois motivos, o primeiro que se refere ao aumento da demanda interna que consumiu grande parte desse tipo de produção e o segundo se deve ao consumo americano de automotivos de melhor qualidade, importados da Europa em grande parte.

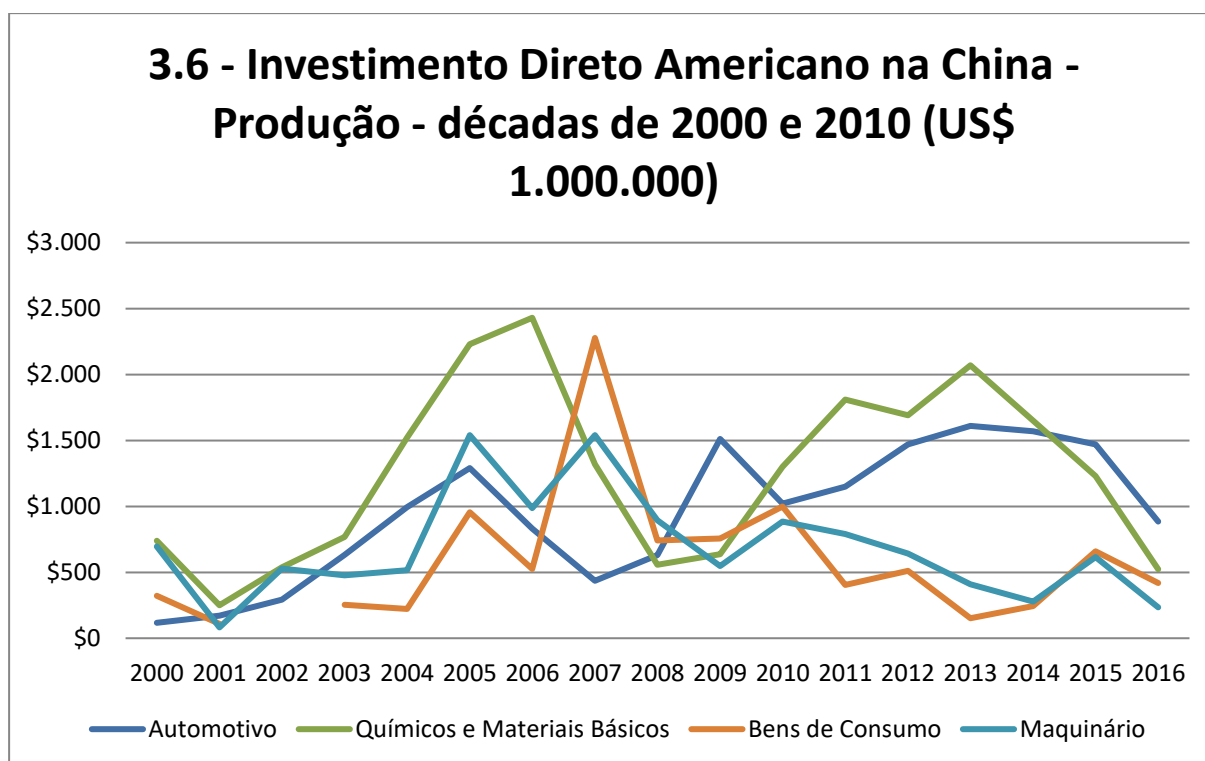
Por fim o investimento em equipamentos elétricos e eletrônicos, é ambíguo de forma que se encaixa em duas classificações diferentes. Primeiro temos a produção de equipamentos elétricos que são considerados bens de capital e segundo temos a produção de bens eletrônicos considerados bens de consumo.

Durante a década de 1990 a produção de eletrônicos no mundo ainda estava em fase germinal e presente somente em países com altos níveis tecnológicos, ou seja, não estava presente na China. Dessa forma podemos dizer que todo o investimento direto americano desse tipo foi para o setor de equipamentos elétricos.

Esse investimento, assim como o investimento em maquinário, foi responsável pelo aumento na produção de bens de capital na China e por consequência o aumento das exportações desses bens. Por apresentar um comportamento crescente ao final da década e como iremos observar seu comportamento ao longo das décadas seguintes, esse investimento se manteve ao longo do final da década de 2000.

Com relação a década de 1990 podemos observar um grande foco na produção de bens de capital, assim como na produção de bens intermediários. Ele teve como consequência uma mudança na estrutura industrial chinesa nas seguintes décadas, passando de uma produção focada em bens de consumo para uma focada em bens de capital.

Seguindo para as décadas de 2000 e 2010 iremos prestar mais atenção a progressão dos investimentos em máquinas e equipamentos elétricos, de forma a comprovar ou não sua influência na produção industrial chinesa.



Fonte – The US-China FDI Project

As décadas de 2000 e 2010 apresentam grande volatilidade quando nos referimos ao investimento direto americano, se destacam os investimentos em químicos e materiais básicos, em bens de consumo, no setor automotivo e em maquinário.

Como podemos ver no gráfico acima os investimentos em produtos químicos e materiais básicos se sobressaem acima de todos os demais, contudo esse investimento não promove uma maior exportação para os EUA desse tipo de produção. Isso pode ser explicado devido ao crescente consumo interno e às exportações para países do sudeste asiático. Os EUA, ao transferirem uma parte considerável de sua produção para a China passaram a demandar menos bens intermediários e mais bens finais, logo um aumento da produção de bens intermediários não afetaria muito o comércio entre os dois países.

Por outro lado, esse aumento proporciona o aumento das exportações chinesas de bens intermediários para países economicamente menos desenvolvidos que a China no sudeste asiático, transformando a China em uma produtora e distribuidora de bens intermediários da região.

Os bens de consumo na China também passaram por grandes transformações. Com a melhora da qualidade da mão de obra e a possibilidade de utilizar técnicas mais avançadas

e tecnologias de ponta, a produção industrial de bens de consumo na China passa de uma produção de bens de baixo valor agregado (concentrados na utilização de plásticos com baixa tecnologia) para a produção de bens com maior valor agregado como chips, televisores e eletrodomésticos.

É de se esperar que esse investimento em bens de consumo tenha afetado de alguma forma as relações comerciais entre China e EUA, contudo dada a redução da produção de bens de consumo de baixo valor agregado ser maior que o aumento da produção de bens de consumo de alto valor agregado o efeito foi de substituição e não de aumento da participação de bens de consumo nas exportações chinesas para os EUA.

O caso da produção de automotivos durante as décadas de 2000 e 2010 difere do caso apresentado na década de 1990. Nesse caso, devido ao melhor nível tecnológico chinês a produção de automóveis não se limitou somente para saciar a demanda interna, mas passou a ser exportado para todo o mundo, Estados Unidos incluso.

A China passa a produzir não somente automóveis populares para sua população, mas também automóveis de alta classe. Essa mudança na produção aumenta, mesmo que de forma pequena, o consumo internacional de carros chineses, dado que ela se iniciou somente ao final da década de 2000. Dessa forma a influência da produção de automotivos no comércio internacional chinês é mínima.

Por fim temos os investimentos em maquinários que apresentaram um aumento ao longo da década de 2000 declinando durante a década de 2010. Esse investimento da sequência aos resultados do investimento em máquinas realizado ao longo da década de 1990. Os investimentos em máquinas a partir da década de 1990 transformaram a indústria chinesa e promoveram a substituição da produção de bens de consumo como foco de exportações para a produção de bens de capital.

Os investimentos americanos realizados na China ao longo das décadas de 2000 e 2010 deram continuidade à transformação industrial chinesa com a continuidade dos investimentos em maquinário, ao mesmo tempo em que renovaram a produção de bens de consumo chinesa, substituindo uma produção focada em bens de baixo valor para bens de alto valor.

4 - Investimento direto e seus efeitos sobre exportações

O comércio entre China e Estados Unidos passou por mudanças radicais durante as décadas de 1990 e 2000. Essas mudanças se deram principalmente com relação à China, sua produção e consumo, assim como sua mentalidade.

A China no início da década de 1980, com a eleição de Deng Xiaoping, sofreu com uma adaptação do comunismo chinês, passando a aceitar o capital estrangeiro no país e adotou políticas capitalistas em partes de seu território, as Zonas Econômicas Especiais.

Inicialmente as ZEE's se aproveitaram da mão de obra barata e abundante chinesa para atrair capitais para indústrias de bens de consumo de baixo valor agregado, contudo a partir da metade da década de 1990 esse paradigma muda. O investimento direto estrangeiro passou a visar indústrias com maiores margens como a produção de bens de capital, contudo isso somente se tornou possível com os grandes investimentos em educação, energia e infraestrutura.

Como vimos nesta monografia, o comércio entre China e Estados Unidos sofreu grandes alterações ao longo das décadas de 1990 e 2000. As exportações chinesas passaram de uma predominância de bens de consumo para uma dominância dos bens de capital. Também observamos dois subgrupos de produtos que destacam os EUA em relação ao mundo: as exportações chinesas de máquinas e equipamentos, bens de capital, e as exportações de miscelânea, bens de consumo variados que não são alimentos ou vestuário.

Dada a análise do comércio formulamos então a seguinte hipótese, o investimento direto americano na China influenciou, de alguma, o comércio entre China e EUA. Essa hipótese foi formulada com base na premissa de que o investimento direto americano na China resultou na transferência da produção de bens dos EUA para a China, assim criando a necessidade de maior importação de produtos chineses, dado que a produção interna não sacia a demanda.

Formulada a hipótese observamos a evolução do investimento direto americano na China, com o objetivo de consolidar a hipótese assim como de analisar as consequências diretas e indiretas do investimento direto sobre a produção da China.

Inicialmente se tornou clara a diferença entre os investimentos realizados durante a década de 1990 e os realizados posteriormente. No primeiro período os Estados Unidos eram um dos principais investidores na China, por mais que os valores sejam menores, os investimentos realizados na década de 1990 foram considerados, nesta monografia, muito mais importantes do que os realizados posteriormente. No segundo período os EUA passaram a ser somente mais um investidor, não se destacando dos demais. Dessa forma concluímos que durante esse período os investimentos americanos na China não foram de grande importância para as mudanças na produção e por consequência nas exportações chinesas, esses investimentos contribuíram para manter essas transformações.

Após observarmos a evolução dos investimentos diretos americanos realizados na China destacamos três setores que se sobressaltaram tanto durante a década de 1990 e as décadas de 2000 e 2010, sendo eles pertencentes a categorias diferentes: investimentos em químicos e materiais básicos, pertencentes ao grupo de bens intermediários, investimentos em automotivos, componentes de bens de consumo e investimentos em maquinário considerados bens de capital.

Dois desses setores, em automotivos e em maquinário, são o principal indício de relação entre comércio e investimento direto. Dadas essas novas informações reformulamos a hipótese, o investimento direto americano na China modificou a estrutura de produção da China, que junto da transferência de produção dos EUA para a China, influenciou o comércio China-EUA.

Criada nossa hipótese final iremos a seguir conciliar as duas informações que temos disponíveis, para então, avaliar se a hipótese é plausível de ser aceita, dado que não existem dados suficientes que a comprovariam. Para tal iremos mostrar graficamente a relação entre investimento direto e comércio para os dois itens que mais indicam essa relação, as máquinas e equipamentos e a miscelânea, junto de uma base histórica.

Primeiro temos de levar em conta as premissas que antecedem a década de 1990 com relação à China. Em 1978 o governo chinês no 11º Comitê Central do PCC decide reformar a economia com um dos objetivos reabri-la para o mundo. Ao longo da década de 1980 novas políticas econômicas são implementadas e são criadas as primeiras Zonas Econômicas Especiais e se inicia o processo de abertura ao capital estrangeiro. Em um primeiro momento os investimentos estrangeiros se focam na utilização da mão de obra barata chinesa para a

produção de bens de consumo, principalmente vestuário, calçados e têxteis, isso deriva da vantagem comparativa revelada da China com relação aos EUA. A China possui um fator acima de 3 com relação a vestuário e têxteis e superior a 7 com relação a calçados no início da década de 1990.

A produção chinesa chega na década de 1990 composta principalmente por bens de consumo, isso se reflete na composição inicial das exportações chinesas para os EUA, forma na qual, no início da década de 1990, constituíam mais de 40% de todo o valor das exportações para os EUA.

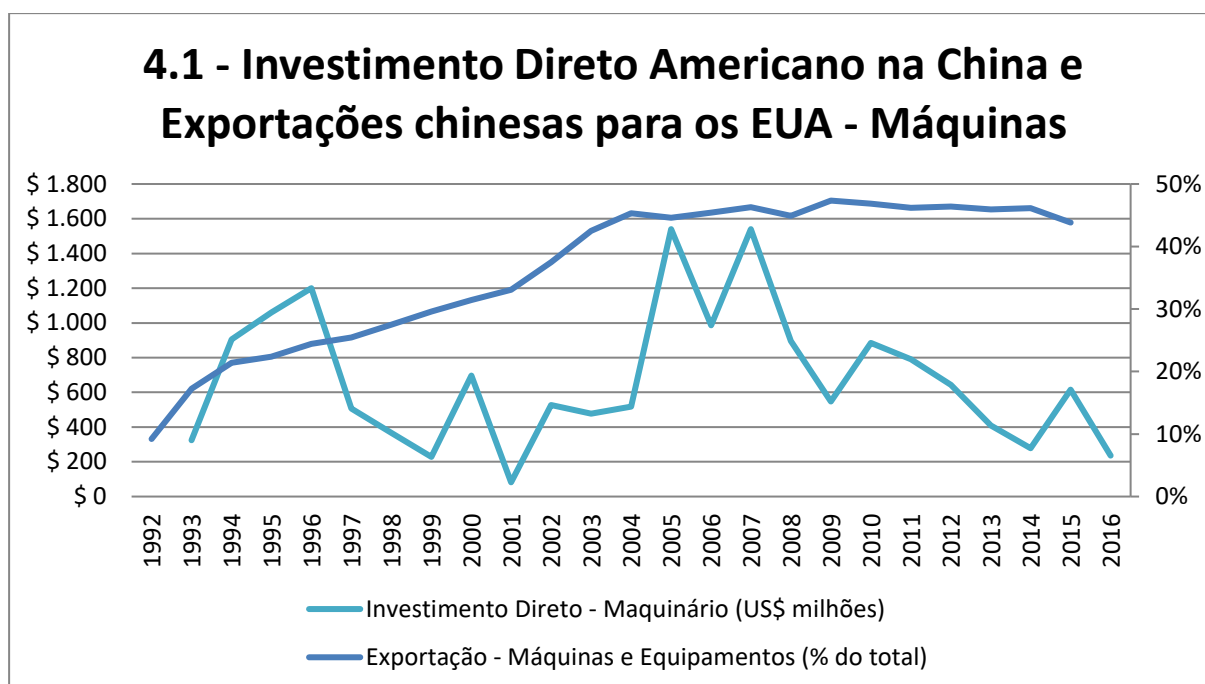
No início da década de 1990 é eleito Jiang Zemin como líder chinês. Zemin da continuidade às políticas adotadas por seu antecessor e abre ainda mais a China ao mundo, promovendo a criação de ZEE's em regiões do interior do país e em locais de fronteira. Devido ao risco inerente de um governo totalitário comunista e a falta de informações, os investimentos estrangeiros no início da década de 1990 eram relativamente baixos e favoreciam investidores amantes de risco.

As políticas de Zemin além de abrangerem a reforma econômica também incluíam uma reforma educacional e uma reforma tecnológica, resultando em grandes importações de bens de capital estrangeiros (com o objetivo de modernizar as indústrias) principalmente provenientes do Japão. Zemin também promoveu uma inclusão da China em organizações internacionais, com destaque para a Organização Mundial do Comércio.

Quando reunimos todas as informações obtemos uma visão da China no início da década de 1990 que possui, uma população jovem com níveis educacionais crescentes, uma indústria de bens de consumo madura e competitiva e promovendo políticas de abertura bem vistas pelo mundo.

Ao longo das décadas de 1990 e 2000 podemos observar dois casos que destacam os EUA do resto do mundo. O primeiro caso se inicia na metade da década de 1990 e diz respeito à transformação da indústria chinesa.

No ano de 1994 o investimento direto americano em máquinas alcança um nível considerável do total do investimento direto americano. Esse investimento promoveu uma mudança na indústria chinesa, incentivando a produção de bens de capital.



Fonte – The US-China FDI Project/ WITS – World Integrated Trade Solution

Os investimentos realizados na década de 1990 em maquinário promoveram o aumento da produção e de máquinas e equipamentos e de início em 1993 ao período de influência desse tipo de produção.

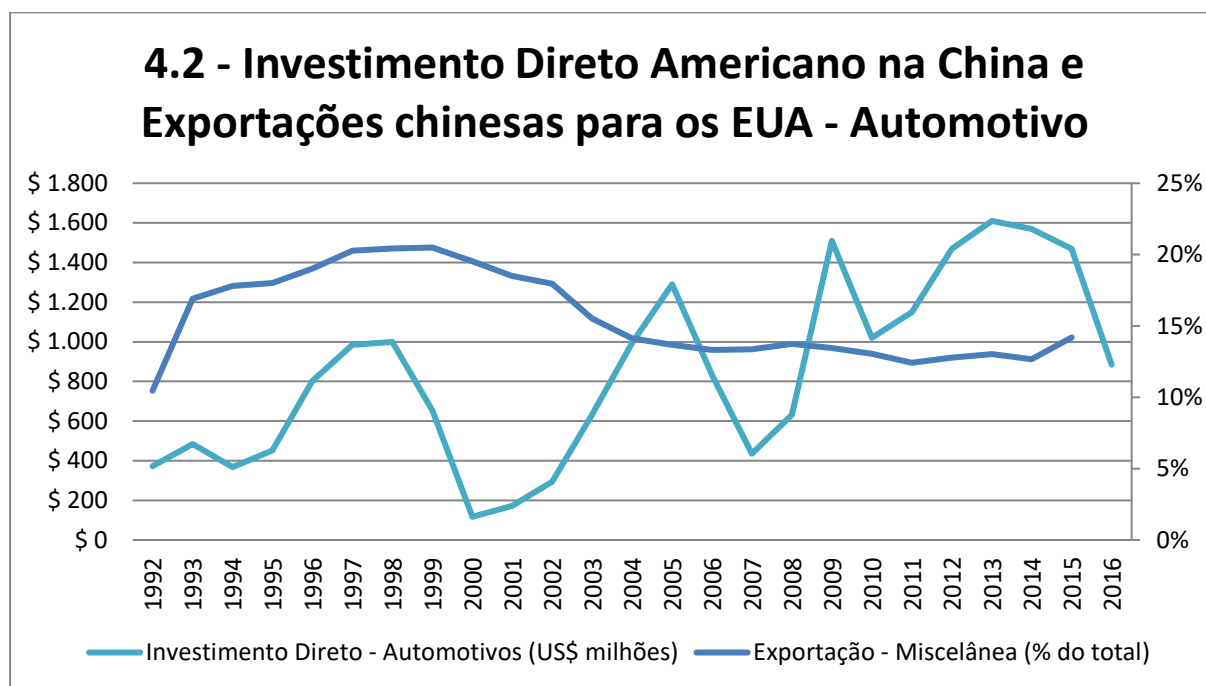
No gráfico podemos ver o grande investimento americano e o crescimento da participação do valor de máquinas e equipamentos nas exportações para os EUA. Esse investimento apresentou uma grande queda após 1996 devido à crise asiática de 1997. Os investimentos realizados nos anos anteriores foram suficientes para transferir as plantas de produção dos EUA para a China não existindo a necessidade de maiores investimentos.

Novos investimentos somente foram realizados durante a década de 2000, sendo eles necessários para renovação de plantas já existentes ou criação de novas, esses novos investimentos, assim como os realizados na década de 1990 apresentam uma grande queda após alguns anos, aparentando um provável comportamento cíclico nesse tipo de produção.

Considerando que a produção americana de maquinário na China não é exclusivamente exportada para os EUA é plausível dizer que o investimento direto realizado na década de 1990 promoveu sim uma maior exportação de máquinas e equipamentos para os EUA. Ainda mais, é plausível dizer que dada a magnitude desse investimento, ele foi um

dos principais contribuidores para as mudanças estruturais da produção chinesa, o que acentuou as exportações de máquinas e equipamentos para os EUA.

Assim como o caso anterior quando observamos a relação entre as exportações de miscelânea e o investimento direto em automotivos observamos o mesmo efeito.



Fonte – The US-China FDI Project/ WITS – World Integrated Trade Solution

Os investimentos realizados no meio da década de 1990 promoveram um aumento nas exportações de miscelânea para os EUA nos mesmo período. Porém temos duas grandes diferenças com relação ao caso anterior.

A primeira grande diferença se dá no tempo de maturação do investimento. Aparentemente o investimento em automotivos possui um tempo de maturação muito menor que o caso de maquinário, em média de 1 ou 2 anos considerando os efeitos do investimento sobre as exportações.

A segunda diz respeito a perda de eficácia do efeito do investimento sobre as exportações. Após o ano de 2003 os investimentos em automotivos assume valores superiores a US\$1,2 bilhão, contudo as exportações de miscelâneas para os EUA caem e não apresentam sinais de recuperação, diferente do caso anterior no qual o nível da proporção de exportações se mantém.

Dadas as duas diferenças podemos chegar a algumas conclusões. O efeito do investimento direto sobre o comércio não é permanente e aparentemente varia conforme o tipo de produção que é alvo de investimento. Essa conclusão se dá devido as diferenças entre os dois casos demonstrados e ao caso de químicos e materiais básicos, no qual o investimento direto é o maior que todos os outros, mas as exportações de bens intermediários quase não se alteram ao longo das décadas.

Podemos dizer também que a relação entre o investimento direto americano e o comércio entre China e EUA depende da demanda interna e da renda da China. Essa conclusão se explica pelos casos do investimento em bens intermediários e em automotivos, em ambos os casos a demanda interna chinesa consome grande parte da produção reduzindo o efeito do investimento direto sobre o comércio.

Com relação a hipótese criada nesta monografia, chegamos à conclusão que é plausível aceitar a hipótese no caso de bens de capital, mas somente nesse caso. O investimento direto americano em bens de capital durante a década de 1990 transformou a composição de produção chinesa e por consequência o comércio entre China e EUA passou a ser dominado pelas exportações chinesas de bens de capital.

5 – O investimento direto chinês

A China, ao longo das décadas de 1990 e 2000 passou por uma transformação interna que teve como principal foco o desenvolvimento industrial. Por outro lado, durante a década de 2010, devido a consolidação das empresas chinesas realizado nas décadas anteriores, a China se volta para o resto do mundo. A década de 2010 é marcada pela inversão de papeis, a China, agora, passa a investir diretamente em outros países.

Os EUA após 2009 se tornam um grande alvo para os investimentos diretos chineses e podemos destacar dois possíveis motivos para tal. O primeiro motivo se dá devido à crise financeiro americana de 2008. A China em 2008 possuía grandes reservas de capital, seja na forma de poupança interna ou na forma de títulos do governo americano e utilizou essas reservas para investir no nos EUA e na Europa comprando empresas que, devido à crise estavam “baratas”. O segundo, de maior interesse ao tema desta monografia, pode ser colocado como um retorno dos investimentos americanos na China. Como resultado dos investimentos diretos realizados nas décadas de 1990 e 2000, a China acumulou uma grande quantidade de capital e agora possui a possibilidade de investir nos EUA, comprando empresas americanas.



Fonte – China-US FDI Project

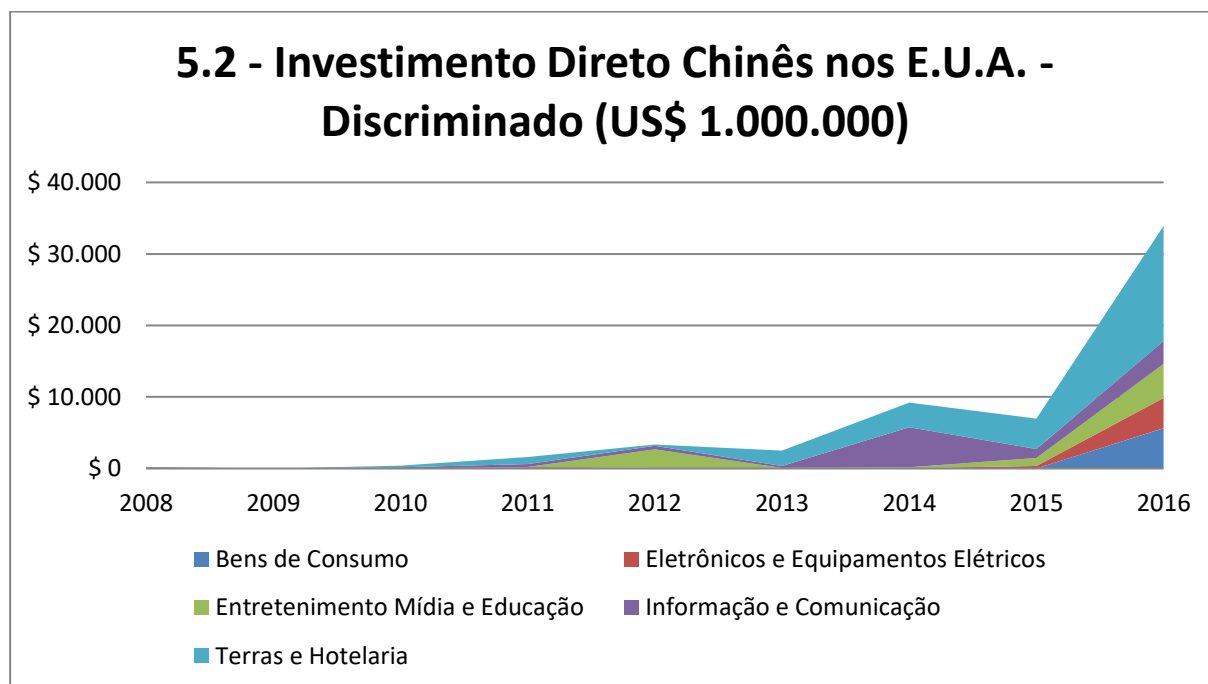
Sobre esse retorno podemos formular a hipótese de que o investimento direto americano possibilitou o crescimento chinês de tal forma que hoje a China passa a realizar

investimentos diretos nos EUA, consequentemente influenciando nas relações comerciais entre os dois países.

Como o investimento direto chinês nos EUA é recente e os efeitos do investimento direto no comércio podem ser de médio e longo prazo (dependendo do tipo de setor alvo dos investimentos), não vamos aceitar ou refutar a hipótese formulada, mas estudar se ela possui embasamento ou não.

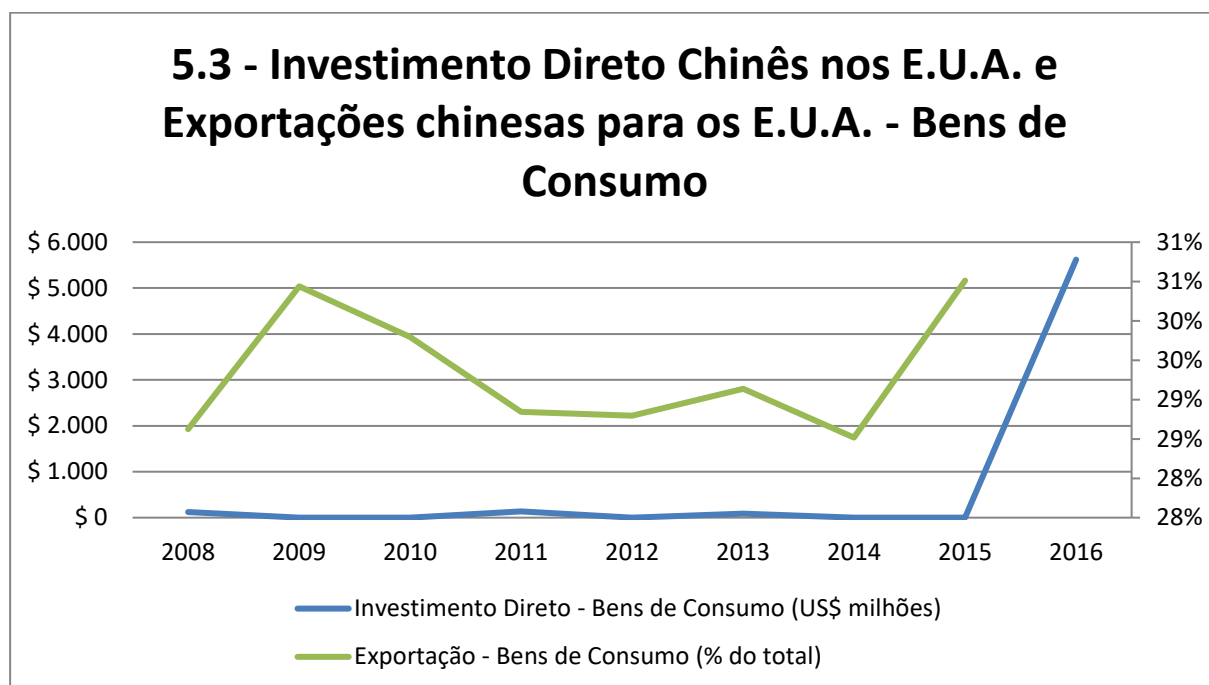
O método utilizado para analisar a relação entre o investimento direto chinês nos EUA e o comércio entre os dois países será o mesmo utilizado no capítulo quatro, se diferenciando por apresentar somente os investimentos mais relevantes que estejam dentro do grupo de investimentos em produção (definidos no capítulo 3), devido a sua natureza de influência direta ao comércio.

O investimento direto chinês nos EUA se diferencia do investimento americano na China em natureza. Embora ambos sejam investimentos diretos, o primeiro é do tipo aquisição enquanto o segundo se encaixa na categoria greenfield. Essa diferença é central quando vemos a relação entre o investimento direto chinês nos EUA e o comércio, pois, por ser do tipo aquisição, o investimento chinês não contribui para o desenvolvimento local e não requer a criação de novas plantas de produção ou de uma nova administração.



Fonte – China-US FDI Project

Discriminando o investimento direto chinês podemos facilmente observar que grande parte do investimento se concentra em áreas não produtivas. Os investimentos em bens de consumo e em eletrônicos e equipamentos elétricos, por outro lado, pertencem a setores produtivos e serão analisados a seguir.

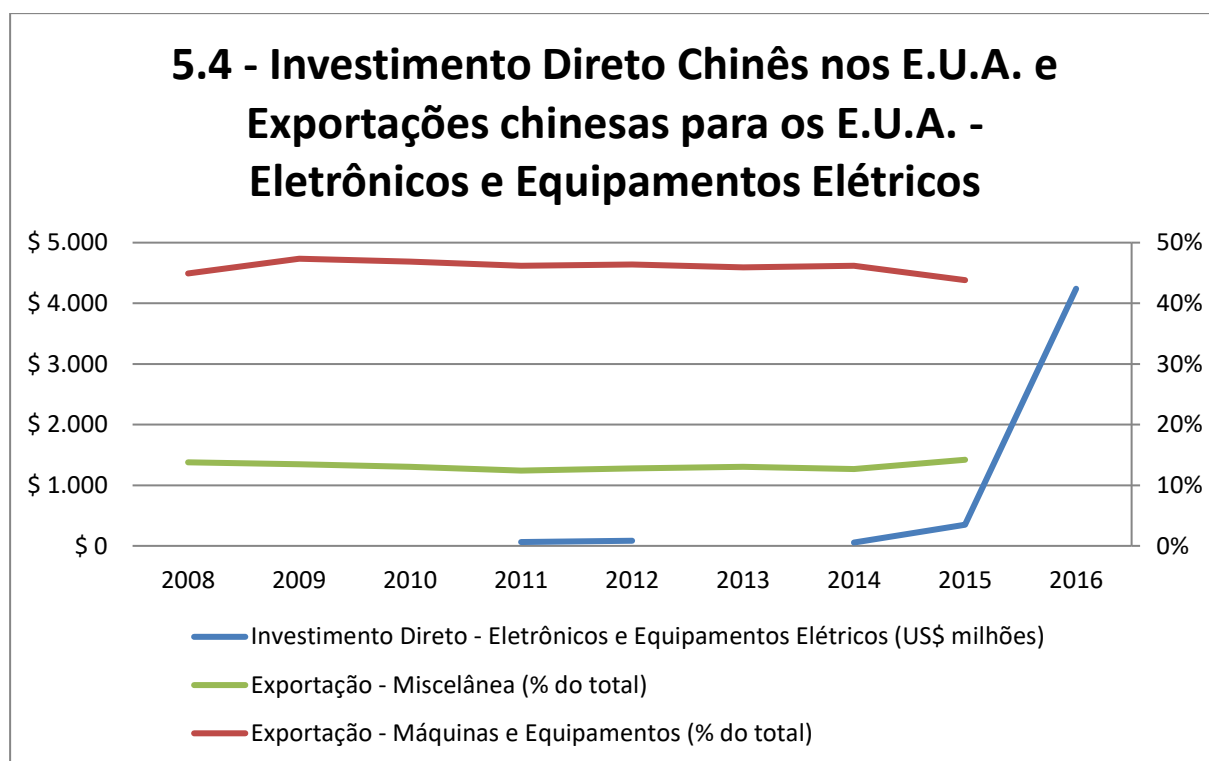


Fonte – China-US FDI Project/WITS - World Integrated Trade Solution

Visualizando o gráfico relacionando o investimento direto e as exportações chinesas para os EUA de bens de consumo é fácil percebermos que não existe nenhuma relação entre eles atualmente.

Nesse caso não podemos utilizar o argumento de tempo de maturação do investimento devido ao seu tipo ser de aquisição, que não possui novos empreendimentos (nesse caso a maturação não se refere ao retorno financeiro da compra de negócios, mas sim da maturação de novos empreendimentos).

O próximo caso, de eletrônicos e equipamentos elétricos, temos de comparar o investimento direto a dois tipos de exportações distintas, as de miscelânea e as de máquinas e equipamentos, uma vez que a produção de eletrônicos será considerada uma produção de bens de consumo e a produção de equipamentos elétricos será considerada bens de capital.



Fonte – China-US FDI Project/WITS - World Integrated Trade Solution

Assim como o caso anterior, o caso de eletrônicos e equipamentos elétricos, aparentemente, não apresenta relação alguma entre o investimento direto chinês nos EUA e as exportações chinesas para os EUA.

Devido ao fato do investimento direto chinês se do tipo aquisição ele possui uma baixa capacidade de influenciar a produção local de um país, dessa forma sua influência sobre as exportações e importações desse país se torna mínima.

Como as relações comerciais são muito diferentes entre si, não podemos garantir que no caso China-EUA os investimentos chineses não influenciarão no futuro, essa condição é agravada pelo fato de possuímos poucos dados. A princípio a hipótese da influência do investimento direto chinês nos EUA no comércio China-EUA não possui base alguma para ser formulada.

Conclusão –

Podemos concluir que o investimento direto americano influenciou o comércio China-EUA, na medida que o investimento direto em bens de capital (máquinas) promoveu um grande aumento da proporção de exportações desse tipo de bem para os EUA. Contudo, de forma geral, essa influência depende de diversos fatores exógenos e endógenos.

Para fatores exógenos podemos citar: a renda americana e sua subsequente demanda assim como a renda chinesa e sua demanda, as demandas internacionais por produtos chinesas, o câmbio entre a China e os EUA e a China e o resto do mundo e as políticas governamentais chinesas e americanas.

Para fatores endógenos podemos citar: o tipo de produção que é alvo do investimento direto americano, o volume de investimento direto americano e o tipo de investimento direto (aquisição e greenfield).

Bibliografia -

NABUCO, Paula. “Do Grande Salto à ‘Desmaoização’: 20 anos de história chinesa”. In: XIV Encontro Nacional de Economia Política, 2009, São Paulo. Anais XIV Encontro Nacional de Economia Política, 2009

The Editors of Encyclopædia Britannica. Special economic zone (SEZ).
<https://www.britannica.com/topic/special-economic-zone>

SULEIMAN, Amanda Battaglini. O DESENVOLVIMENTO ECONÔMICO CHINÊS PÓS 1949, São Paulo, FAAP, 45p. Monografia de Final de Curso (Graduação em Ciências Econômicas)